

LAUSO:  
TRAGEDIA

DE

HENRIQUE JOSÉ DE CASTRO,

PRESBYTERO SECULAR,

*Doutorado em Theologia pela Universidade de  
Coimbra.*



LISBOA:

NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

ANNO M. DCC. XC.

---

*Com Licença da Real Meza da Commisção Geral sob. o  
Exame, e Censura dos Livros.*



DEDICATORIA  
AO EXC.<sup>mo</sup> E R.<sup>mo</sup> SENHOR  
BISPO DE BÉJA.

EXC.<sup>mo</sup> E R.<sup>mo</sup> SENHOR.

**Q**ue tem a Theologia com a Poesia?  
Nada, pois são incompatíveis. Af-  
sim discorrem aquelles, que não conhecem  
que a Escritura Sagrada está cheia da mais

viva , e nobre Poesia , e que della teve origem tudo o que temos de maravilhoso nos melbores Poetas Gregos. Ofrequente uso , que fizeram desta arte muitos Padres da Igreja compondo os seos escritos em verso ; a Poesia , que brilha ainda em muitas das suas obras feitas em prósa , demonstrão o absurdo desta proposição.

Eu transcreveria diffusamente os principaes lugares da Sagrada Escritura , e dos SS. PP. para confirmar esta verdade , se não tivesse a honra de escrever a V. EXCELLENCIA , que reconhecendo , como sábio , o que he verdadeira Poesia , e tendo presentes todos , e cada hum dos argumentos , a que eu poderia recorrer , não julga o estudo desta arte improprio do Ecclesiastico , e Theologo , principalmente quando elle o exercita com o fim , e moderação devida. E como por estes motivos tambem não julga improprio do caracter Episcopal ( que em perfeição exemplar todos admirão irreprebensivelmente desempenhado por V. EXCELLENCIA ) o aceitar a

of

*offerta de huma Tragedia feita por hum subdito seu, Ecclesiastico, e Theologo; me animo a dedicar-lhe esta, cujo titulo he: Lauso.*

*Confesso que não tem as perfeições, que a deverião fazer merecedora de a offerecer a V. EXCELLENCIA, como no Prologo, e por toda a obra se observa; porém como da sua leitura se pôde tirar grande utilidade para os bons costumes, estou certo que por este unico motivo, V. EXCELLENCIA ha-de recebe-la como digna da protecção, com que sempre me tem honrado, e a que sempre serei agradecido. Sou*

DE V. EXCELLENCIA

*Subdito obrigadissimo, e criado obediente*

*Henrique José de Castro.*



# PROLOGO.

**E**sta he a Tragedia , sobre que a Academia Real das Sciencias fez o seguinte juizo , publicado em hum folheto impresso , e concebido nestes termos : outra Tragedia , cujo titulo era *Lauso* , e o epigrafe *Discite justitiam moniti , & non temere Divos* , julgou a Academia digna de louvor por alguns rasgos poeticos , e Scenas bem trabalhadas , as quaes fazem esperar que o Author poderá algum dia , dar mais perfectas composições.

Depois d'esta judiciosa critica , não devo privar a Nação de huma obra , que em parte mereceo os louvores de huma tão respeitavel Corporação de rectissimos Sábios.



## A C T O R E S.

*MEZENCIO, Rei dos Agylinos.*

*LAUSO, Filho de Mezencio.*

*FULVIO, Confidente de Mezencio.*

*PRÓCULO, Rei vencido por Mezencio.*

*LIDIA, Filha de Próculo.*

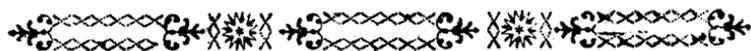
*FULIA, Confidente de Lidia.*

---

A Scena he no Palacio de Mezencio.

. . . . *Dignus, patriis qui latior esset*  
*Imperiis, & cui pater haud Mezentius esset.*

Virg. Ænead. Liv. VII. v. 653.



# LAUSO: TRAGEDIA.

---

## ACTO I.

### SCENA I.

LIDIA, e JULIA.

*Lid.*



ESDE que estamos feitas prisioneiras  
Nesta barbara terra, em que domina  
O soberbo Mezencio , ah châra  
Julia ,

Não fei o que he prazer. Cruéis lembranças,  
Tristes cuidados sem cessar me opprimem.

Que será de meu pai, que sem azylo,  
Talvez , rotos os membros, peça humilde  
A mãos escassas misero sustento!

O' tyranno Mezencio, quantos males  
Me tens feito soffrer! Ah! mais valèra  
Que o compassivo Lauso, filho indigno

De hum tão soberbo pai, não suspendèra  
O golpe, que mortal descarregava  
Sobre esta desgraçada.

*Jul.* . . . . . Amada Lidia,  
Ainda tu não sabes até onde  
Chegou sua maldade.

*Lid.* . . . . . Eu o contemplo  
Capaz de todo o mal, vendo que alegre  
Gosta de ouvir gemer os infelices;  
Que até neste Palacio guarda ufano  
Em cadêas asperrimas ligados  
A miseros humanos; que risonho,  
Bem como quando os outros homens ouvem  
O som divino de sonoras vozes,  
Gosta de ouvir-lhes arrastar os ferros.

*Jul.* Pois sabe que pertende... mas quem póde  
Contar caso tão ímpio sem que trema!  
Sabe que intenta que Fanôr acabe  
A triste vida por leões tragado.

*Lid.* Tu que dizes! Fanôr? de Lauso o amigo?  
Ah barbaro Mezencio quanto és ímpio  
Inimigo dos homens! Já conheço  
Quaes são os seus projectos. Tu bem sabes

Que

Que Mezcencio cruel temendo as furias  
Do povo, que soffrello já não póde,  
E receando que elle ardendo em ira  
Seu filho sobre o throno collocasse,  
O mandou encerrar em alta torre,  
Entre grilhões, e barbaros tormentos:  
Crescendo agora mais seu justo medo,  
Manda prender Fanôr, e dar-lhe a morte,  
Para que não succeda que elle unido  
Aos amigos de Lauso, as armas tome  
Para tirar-lhe a vida, e dar o throno  
A seu filho, por quem suspira o povo.

*Jul.* Discorreste acertado. Ah minha Lidia,  
Quantas mortes a ésta hão de seguir-se!  
Quanto temos de ver entre tormentos,  
Oh quantos desgraçados! Que alegria  
Será para o cruel este pretexto  
De poder derramar mais sangue humano!  
De quanto gosto banhará seu peito,  
Seu peito, que só vive alegre quando  
Mais infelices tem, de quem se ria?

*Lid.* Maior será o gosto, que elle espera  
Quando tirar a vida ao proprio filho.

*Jul.*

*Jul.* Ao proprio filho ! eu tremo ; e como o sabes ?  
Que delictos fez elle ?

*Lid.* . . . . . Que delictos

Póde elle ter maior que ter virtude ?

Pois tu não sabes, Julia, que aos malvados

Este he de todos o peor delictos ?

Não fei de outro motivo, que mais forte

Excitar possa de Mezencio as iras.

Vè que o povo o respeita porque he justo,

Sábio, prudente, affavel, e ao contrario,

Vè que o povo aborrece o seu governo :

Quer evitar os damnos, que lhe podem

Com razão succeder, e certamente

A vida ha de tirar-lhe, unico modo

De se ver livre do continuo susto,

Em que seu feróz peito anda enredado.

*Jul.* Se tal succede, ó Lidia....

*Lid.* . . . . . Não duvides,

Pois inda que Mezencio em algum tempo

Quizesse arrepender-te desta empreza ;

Como sempre ao seu lado vive Fulvio,

Elle terá cuidado de excitallo.

Este traidor, escravo do interesse,

De fangue humano nunca satisfeito,  
Seu natural furor, quando lhe agrada,  
Sopèa, excita, ou qual leão raivoso,  
Faz que elle farte o seu faminto peito  
Nos tenros membros de innocentes filhos.

*Jul.* Ah minha Lidia, se elle não quizer,  
Em vão Fulvio cruel trabalharia.  
Mas d'elle fogem, como horrorizados,  
Da natureza os ternos sentimentos,  
Que os pais fazem chorar vendo em perigo  
Os seus amados filhos, e que chegão  
A fazer-lhes perder juizo, e vida,  
Se contraria fortuna irada os fere.  
Mas elle chega! oh como lhe scintillão  
Os vagos olhos sempre ardendo em ira!

*Lid.* O cruel Fulvio, ainda mais tyranno,  
Como segue seus passos! como astuto  
Do Rei feroz o genio lifongèa!

*Jul.* Teu mortal odio encobre, diffimula.

SCE-

## S C E N A II.

LIDIA , JULIA , MEZENCIO , e FULVIO.

Mez. **V** Ai, Fulvio, vigiar essas masmorras.  
Espreita se os grilhões, se as férreas  
portas

Firmes estão, e intactas; mais carrega  
Com pezadas cadêas esse infame,  
De que sabes me temo, e em breve espaço  
A mim caminha, em quanto fallo a Lidia.  
De nós te aparta, Julia.

## S C E N A III.

MEZENCIO, e LIDIA.

Mez. . . . . **M**inha Lidia,  
A quem livreí da morte, e a quem dou vida,  
Por que razão te vejo sempre afflicta,  
Suspirando a miudo, e sempre triste?  
Neste real Palacio a liberdade  
Benigno já te dei, e nelle vives,  
Não,

Não, como vil despojo da batalha,  
 Não, como os mais captivos opprimida;  
 Porém como Princeza aqui nascida:  
 E de tal forte agora estou captivo  
 Da tua formosura, e das virtudes,  
 De que te vejo ornada, que pertendo  
 Que sejas minha esposa.

*Lid.* . . . . . Eu! tua esposa!

Huma infeliz captiva! eu te supplico. ....

*Mez.* Se eu captiva te fiz, posso fazer-te

Livre, e Rainha; posso desde agora

Tornar-te de infeliz á mais ditosa.

*Lid.* Pódes; mas . . . . . ah Mezencio, tremo!

*Mez.* . . . . . Tremes!

Sou por ventura tão medonho monstro,

Que te horrorize dar-me a mão de esposa?

*Lid.* Não, Mezencio; mas temo que o teu povo

Contra mim se conspire.

*Mez.* . . . . . O povo he escravo,

A quem domino só: minha vontade

He lei inviolavel. Não respondes?

Ficas muda?

*Lid.* . . . . . Senhor, eu não me atrevo.

B

*Mez.*

*Mez.* Não te atreves? porque? ah vil traidora,  
Nunca as minhas suspeitas me enganarão.

*Lid.* Senhor, tirai-me a vida antes que eu ouça  
Tão enormes injurias. Fui Princeza,  
De grandes Reis nasci, Reis me creárão.  
Vós o fabeis, Senhor, e o que assim nasce  
Em máis estima a honra, do que a vida.

*Mez.* Dize, cruel, por que motivo tremes  
Quando te fallo em dar-me a mão d'espôsa?  
Responde-me, traidora, falla, e treme.

*Lid.* Mezencio, tremo, e tremerei em quanto  
Me lembrar de meu pai a triste historia.  
Ah meu querido pai! ah quem podéra  
Seguir-te, e acompanhar-te em quantos males  
Por varias terras fugitivo, e pobre  
Terás soffrido.

*Mez.* . . . . . Louca; porque vertes  
Tão importuno pranto?

*Lid.* . . . . . Hum terno filho  
De hum desgraçado pai nunca se esquece.

*Mez.* Em mim achas hum pai, espôso, e throno.

*Lid.* Porém que pai! que espôso! ó Geos! que  
throno!

*Mez.*

*Mez.* Assim pertendes ultrajar-me? ingrata,  
Não tremes, contemplando que te posso  
Tirar a vida, e reduzir a cinzas?  
Que outro mortal soberbo se atrevèra  
A dizer taes affrontas, que não fosse  
Logo seu fangue derramado, e extinçto?  
Não sabes que Mezencio nunca soffre  
Impunemente injurias? Mulher louca,  
Por que motivo a desprezar te animas  
O teu Rei, e Senhor? Barbara Lidia!  
Em que valor, em que armas te confias,  
Para assim desprezares a quem nunca  
Deixou de ser obedecido em tudo?  
Mas tu mais te enfureces? não te humilhas?  
Irada contra mim o rosto viras?

*Lid.* Ah! Como queres que eu benigna te ouça,  
E sem que me enfureça, imaginando  
Que a mão de esposo intenta dar-me aquelle,  
Que primeiro a banhô dos meus no fangue?  
Em vão pertendes conseguir, Mezencio,  
Que eu seja tua esposa. Nada pôde  
Arrancar-me da viva fantasia  
Reino, irmãos, pai, e tudo arruinado

Por essa mão, que tu, cruel, me offreces.

*Mez.* Horrivel condição de peitos baixos!

Nunca dos bens se lembrão, só os males

Conservão sempre na memoria escriptos!

Quem te livrou da morte, e te dá vida?

E quem suspende o golpe, e quem meu braço,

Prompto a lançar-te entre os montões de  
mórtos?

Quem te livra dos ferros, em que gemem

Os mais captivos? quem deixou que livre

Fugisse á morte Próculo caduco?

*Lid.* Cruéis guerreiros, que por bem só julgão

O deixarem de dar o mal, que podem!

Antes irado a vida me tirasses,

Ou deixasses que mísera vagando,

Sempre alegre com Próculo vivesse.

Contente soffreria chuvas, ventos:

Nevadas ferras, áridos desertos

Mais do que osteos jardins me agradarião:

A'speras grutas, funebres cavernas

Me ferião alylo mais mimoso

Que as ricas salas, em que ufano vives;

Se em toda a parte Próculo comigo,

Meu

Meu choro pai, fiel sempre viveſſes.

*Mez.* O' alma indigna, e vil, que não conheces  
Os bens, que perdes, males, que procuras,  
Alma nascida para fer escrava....

*Lid.* Se nasci para escrava, como queres  
Que tua esposa seja?

*Mez.* . . . . . Ninguem deve  
As causas indagar, por que hum Rei obra ;  
Pois todo aquelle, que não he Monarca ,  
He hum insecto vil, e desprezivel,  
Que só da baixa terra se levanta,  
Quando se digna hum Rei de dar-lhe ouvidos.  
Tu pertences a estes, e não queiras  
Parecer mais do que és: prompta obedece ;  
A ti não te pertence perguntar-me.  
Só pelos Deoses são os Reis julgados.  
Quero fazer-te venturosa, e quero  
Que minha esposa fejas.

*Lid.* . . . . . Eu te peço  
Que na minha desgraça em paz me deixes.

*Mez.* Ah que fazes, Mezencio ! quem te prende  
O teu furor em tempo algum vencido !  
Desprezado por Lidia ! tuas ordens

Aos

Aos pés calcadas! rigido fulmina ,

Respeitado ferás, ferás temido.

Ou throno, ou morte, escolhe.

*I. id.* . . . . . A morte escolho. (1)

*Mez.* Morta ferás. O' alma altiva, e nobre!

Como despreza a morte! como austerá

A seu pai infeliz constante adora!

Que devo resolver! oh quem podéra

Neste novo successo ouvir já Fulvio!

#### S C E N A IV.

*M E Z E N C I O, e F U L V I O.*

*Ful.* **M**Eu Rei, nada te affuste: Fanôr geme  
**M**Em tenebroso cárcere. Mais fortes,  
 Nóvos grilhões o prendem: já não póde  
 Mover os lassos membros: com trabalho  
 Os olhos abre pállidos, e froxos:  
 O rosto macilento, a voz cançada,  
 Tristes suspiros sem vigor soltando,  
 Signaes de morte são.

*Mez.* . . . . . Agora he tempo

De

---

(1) Vai-se.

De conduzi-lo ao grande amfitheatro,  
Aonde por leões seja tragado.

*Ful.* Senhor, que importa que Fanôr expire,  
Se Laufo fica vivo? e se com Lidia,  
A quem teu povo como a Deosa adora,  
Não sóbes hoje ao throno, e se concedes  
A vida por mais tempo aos dois amigos,  
Temo, meu Rei, que o povo te accommetta,  
E ponha Laufo em liberdade, e chegue  
A firma-lo no throno. Bem seguro  
Não te pódes julgar, se neste dia  
Não lhe deres a morte. O povo o chora,  
Blasfema contra ti, nem se quer póde  
Ouvir teu nome: a Laufo todos louvão,  
E julgão digno de reger Imperios.  
Hoje sóbes com Lidia ao Régio throno;  
E se hoje deres a teu filho a morte,  
Seguro ficarás gozando os fructos  
De hum socegado Imperio.

*Mez.* . . . . . Ah Fulvio! Lidia  
Sevéra me despreza, e não accenta  
Liberdade, nem throno.

*Ful.* . . . . . Que motivo

Póde obriga-la a tanto?

*Mez.* . . . . . Diz que treme  
De minha esposa fer, porque soberbo  
A Próculo venci.

*Ful.* . . . . . De que te serve  
Hum dominio Real?

*Mez.* . . . . . Todas as forças,  
E ameaços usei; a morte, ou throno,  
Lhe disse, que escolheffe.

*Ful.* . . . . . E que responde?

*Mez.* A morte escolhe.

*Ful.* . . . . . A morte Lidia escolhe!  
Mas para com hum peito, que não podem  
Vencello forças usa de brandura:  
E se ainda vencella não poderes,  
A morte lhe appresenta; veja o ferro  
No ar luzir sobre ella já pendente;  
Porque he facil, Senhor, zombar da morte,  
Em quanto não se vê seu feio aspecto.  
Deves vencella, dar-lhe a mão de esposo,  
E matar Lauso, tudo neste dia:  
Porque o povo entretido c'os applausos,  
Talvez que hum pouco delle se não lembre;

E se irado quizer vingar feu fangue ,  
A presença de Lidia ha de abrandallo.  
Vendo-a a teu lado , todos humilhados  
Em ti respeitaráõ suas virtudes ,  
Soffrendo em paz o teu prudente Sceptro.  
Só ella póde reprimir as iras  
De hum povo indocil , que deseja ingrato  
Tirar-te a vida , e o throno para dallo . . . .  
A quem ? eu me horrorizo ! ao ímpio Lauso ,  
De hum tal Rei , de hum tal pai indigno filho .

*Mez.* O teu sábio conselho , ó Fulvio , acceito.  
De novo espreita , e guarda os criminosos ,  
Em quanto vejo se por algum modo  
De Lidia abrandar posso o duro peito.

---

## A C T O II.

### S C E N A I.

*FULVIO só.*

**Q**UANTO custa alcançar o altivo agrado  
 De hum soberbo Monarca pela estrada  
 Da traidora lisonja! quanto custa  
 Por maldades ganhar valia, e mando!  
 Triste daquelle, que se vê no estado  
 De tudo obrar pela vontade alheia!  
 Se com Mezencio não concordo em tudo  
 A vida perderei, e neste caso  
 Tyranno devo ser para salvar-me.  
 Se elle raivoso intenta prender Lauso,  
 Devo dizer-lhe que lhe dê a morte:  
 Se elle intenta mandar tirar-lhe a vida,  
 Devo dizer-lhe que elle mesmo o mate;  
 Pois desta forte ao mesmo Rei domino,  
 E mais poder do que elle tenho em tudo.  
 Mas, quando mais seguro me imagino,  
Tré-

Tremulo medo, pávidos remorfos  
Vem lacerar meu peito vacillante.  
Se Mezencio defendo, o povo irado  
Destruir-me pertende; e se protejo  
A virtude de Laufo, o pai tyranno  
Mandaré entre as féras, e entre os ferros  
Furioso lançar-me. Neste aperto  
Não sei que faça! mas Mezencio rege;  
Mezencio prende, mata, despedaça;  
Mezencio falla, tudo treme, e a morte  
Por seu terrivel mando vai correndo.  
De seus designios rija executora:  
Laufo he vassallo, e Principe abatido  
Que poderá fazer! constante devo  
A Mezencio seguir. Porém que vejo!  
Se não me engano! ... He Laufo. Estou  
confuso.  
Que traidor o soltou? mas he preciso  
Fazer que o não conheço, e accommettello.

## S C E N A II.

F U L V I O , e L A U S O .

*Ful.* **Q**ue soberbo mortal cruel se atreve  
A dirigir aqui seos passos ?

*Lauf.* . . . . . Laufo.

*Ful.* Laufo!

*Lauf.* . . . Laufo, sim, Laufo. Não conheces  
O teu Principe, ó Fulvio ?

*Ful.* . . . . . Sim, conheço  
Por criminoso Laufo.

*Lauf.* . . . . . Criminoso ?

*Ful.* E como tal suspende já teos passos,  
Ou sentirás que sei do meu Monarca  
Executar as ordens.

*Lauf.* . . . . . Treme, Fulvio :  
Pois se Mezencio a sua gloria funda  
No medo, e no terror, em ferro, e fogo ;  
Laufo no amor dos povos tem fundado  
Hum firme throno sempre inconquistavel.  
Tu sabes que elle he só temido á força  
De terriveis castigos, que fulmina :

Eu

Eu com hum leve aceno farei todos  
Correr a meu favor; fortunas, vidas,  
Os seus bens, suas honras voluntarios  
Tudo arriscando, só para agradar-me.  
E neste estado, valoroso Fulvio,  
Não queiras ver-me contra ti armado.  
Evita a minha cólera, pois sabes  
Que todos os teos bens, todas as honras,  
E todo o teu poder de mim depende;  
E que podes co' a vida perder tudo  
Se eu levantar a voz, e em meu soccorro  
Invocar contra ti o povo afflicto,  
Ou se eu mesmo quizer de ti vingar-me.

*Ful.* Quem fiel do seu Rei as ordens guarda,  
Nada tem que temer. Se foste prezo  
Como innocente, ó Laulo, agora debes  
Como traidor rebelde ser lançado  
Entre duros grilhões: se temerario  
Fugiste da prisão, se ufano entraste  
Neste real palacio a ti vedado  
Por teu pai, por teu Rei, e neste tempo,  
Em que o povo por ti chora, e deseja  
A Mezencio matar, e dar-te o throno,  
Que

Que intentas que eu suspeite, ou que eu te  
faça ?

Eu, das iras do Rei fiel ministro,  
Defensor da sua vida, e do seu throno?  
Se Lauso fora Fulvio o que faria ?

*Lauf.* O mesmo que faz Fulvio, se eu quizera  
Perfeguir a meu pai.

*Ful.* . . . . . Pois que pertendes ?

*Lauf.* Salvar Fanôr.

*Ful.* . . . . . Que dizes ?

*Lauf.* . . . . . Se he preciso

A vida perderei para salvallo.

Eu padeço innocente tantos males,  
Com que meu pai me opprime : humilde  
os soffro

Sem que para mostrar minha innocencia,  
Ou para me vingar pégue nas armas;  
Porém meu coração soffrer não póde  
Ver que Fanôr padeça, e seja morto  
Por seos vís inimigos accusado  
De enormes crimes, de traições occultas,  
Que no peito fiel de hum tal vassallo  
Nunca lugar tiverão. Minha vida

A elle devo só, que, côm seu braço,  
Tantas vezes na força dos combates,  
Posto ao meu lado me livrou da morte.  
Meu valor, e a virtude que me anima,  
Aos seus conselhos sábios, e prudentes,  
Ao seu exemplo tudo devo, ó Fulvio.  
E hei de consentir que perca a vida  
Como se fosse vil traidor? Não cabem  
De hum Principe no peito acções tão baixas.  
Não quero a minha vida, quero a d'elle:  
E só a minha estimo em quanto póde  
Servir-me de salvar sua innocencia.

*Ful.* Mas se teu pai por hum traidor o julga?

*Lauf.* Se he Mezencio cruel, ainda Fulvio  
E's muito mais cruel. Barbaro Fulvio,  
Tu lhe atêas as chamas, que lhe abração  
O coração altivo, tu lhe augmentas  
As iras, e odios sem razão forjados  
Contra a virtude, que soffrer não pôdes:  
Tu para grangear valia, e mando  
Do vicio pela estrada ampla caminhas.  
Triste daquelle, que o futuro esquece,  
E que só do presente gosta, e trata!

E

E não vès, Fulvio, que a Mezêncio abate  
(Oh quanto estas lembranças me entristecem!)

O grave pezo de caducos annos.

Não vès que o povo irado quer prostrallo  
Do throno, em que soberbo o Sceptro  
empunha?

Não vès que a minha vóz póde fazello  
Pegár nas armas, escalar os muros,  
Derrubar torres, arrazar palacios,  
E firmar-me no throno, em que me sirvão  
De degrãos para elle os meos contrarios?

*Ful.* Tudo podes fazer; porém não podes  
Meu peito corromper.

*Lausf.* . . . . . Calla-te, Fulvio.

Se na frente de exercitos me víras,  
Entre vivas, e applausos, ir calcando  
Montões de mórtos; se tocar ouvisses  
Os instrumentos horridos de guerra,  
Que vencedores abalar fizessẽm  
Palacios, muros, tudo estremecendo;  
Talvez que humilde então tu me entregasses  
Chaves das torres, portas dos palacios,  
Crueis masmorras, carceres occultos:

Tu-

Tudo posso fazer ; mas não me atrevo ,  
Nem devo contra hum pai pegar nas armas :  
Antes humilde soffrerei que irado  
Em meu fangue innocente farte as iras ;  
Mas contra o que o não for não fei, ó  
Fulvio,

Dizer-te o que farei. Eu não defejo ,  
E nem venho offender meu pai ; pois juro  
Que se fora possível eu trocará  
O amor , que os teos vassallos me tributão  
Sómente em seu favor. Eu só defejo ,  
Eu só venho salvar hum desgraçado ,  
Que injustamente he condemnado á morte ,  
Hum vassallo fiel , hum bom amigo ,  
A quem meu pai a vida, e o throno deve ,  
A quem eu devo quanto sou. Não queiras ,  
Ah Fulvio , arruinar-te. Sem demora  
Entrega-me Fanôr. Se isto me negas  
Temo que o meu amor talvez me obrigue  
A fazer as acções mais horrorosas ,  
De que o meu coração fugir procura.

*Ful.* Dize , Lauso , que intentas que eu responda ,  
Quando Mezencio me ordenar que entregue

O mísero Fanôr ás bravas fêras?

*Lauf.* O meu Fanôr! entregue ás fêras! quando?

*Ful.* Hoje mesmo.

*Lauf.* . . . . . Hoje mesmo! quanto pôde!

Ah Mezencio, Mezencio, quanto pôde

N'um verdadeiro filho o amor paterno!

Se não foras meu pai, eu te mostrára

Como a virtude pôde ser vingada,

Eu te mostrára. . . . . Devo reprimir-me.

Fulvio, eu te digo o modo, por que intento

Salvar Fanôr, e suspender as furias

De Mezencio.

*Ful.* . . . . . Duvido que o consigas.

*Lauf.* Se dos homens os Deoses tem cuidado,

Se a virtude premeão, eu te juro

Que o furor de meu pai torne em brandura.

No carcere, onde vive afferrolhado

O mísero Fanôr, ficar pertendo

Supportando, como elle, os grilhões duros;

E quando irado te ordenar que o lances

Entre as fêras vorazes, destemido

Me farás conduzir como se eu fora

O desgraçado amigo. Então prostrado

Abran-

Abrandarei com lagrimas feu peito,  
Compaixão pedirei; e tu confuso,  
Ao ver-me te perturba, treme, e afflicto  
Me accusa de traidor; que eu te prometto  
Dizer que astuto abrindo as férreas portas,  
Puz a Fanôr em liberdade. O' Deoses,  
Será possível que Mezencio, vendo  
Prostrado, e humilde hum filho entre cadêas  
Salpicadas com fangue de malvados,  
Não chore, não suspire, e não me abrace,  
Com suas proprias mãos vindo tirar-me  
Dos rôxos pulsos os grilhões terriveis?  
Ah fortuna cruel, tu nunca podes  
Frustrar da natureza as Leis sagradas.  
Defende o feroz tigre os cháros filhos,  
Geme a pomba, e suspira inconsolavel,  
Quando os filhos as aguias roubadoras  
Nas retrocidas garras lhe arrebatão:  
Terá Mezencio menos sentimentos?  
Terá feu coração menos ternura,  
Que os proprios brutos, que os feos filhos  
amão?  
Se tal succede, anniquilai-me, ó Deoses.

*Ful.* Feliz astucia! mas não fabes, Laufo,  
Se acafo eu to entregar, a que me exponho?  
Ah Principe, os perigos muitas vezes  
Fazem quebrar os animos mais fortes.

*Lauf.* Nada temas de mim; seguro vive  
Que valor tenho superior a tudo.  
Não te affustes, pois Laufo fiel jura  
Que para com meu pai illéfa fique  
Tua constante fé. Primeiro a vida  
Entre tormentos me será roubada,  
Que á palavra, que dei faltar-te possa.  
Não tem a morte espectros tão medonhos,  
Que me possão fazer voltar a cara.  
Sómente Fulvio, Laufo, e os Deoses sabem  
Do que entre nós se falla. Tu constante,  
Com intrépido rosto pasma, e treme,  
Traidor me chama, e nada mais te affuste.

*Ful.* Fanôr he teu; mas antes que Mezencio  
Para aqui se encaminhe, já te ausenta.  
Esconde-te em palacio: tu bem fabes  
Os reconditos sitios, que elle encerra.  
Vè não chegue Mezencio a descobrir-te,  
Ou alguem, que te entregue aos seus furores.

Vai

Vai descançado, pois que em breve tempo  
Da masmorra cruel as férreas portas  
Abertas te serão.

*Lauf.* . . . . . Trazei-me, ó Deoses,  
O desejado instante: dai-me o gosto  
De ver livre da morte o cháro amigo.

## S C E N A III.

*FULVIO só.*

**A** Gora mais que nunca pensar devo  
Sobre os meos interesses. Lauso póde,  
Se me vir contra si, fazer que eu seja  
De hum Povo enfurecido infeliz preza:  
Pois se acafo o defendo, juntamente  
O Povo me defende; se o entrego  
Como seu matador ferei tratado.  
Mas se lhe dou o seu Fanôr... eu tremo!  
A que perigos tão crueis me exponho!  
O que fará Mezencio! Estou confuso:  
Que devo resolver! mas neste caso  
Só devo entreter Lauso com promessas,  
E falsas esperanças té que possa

**A**

A ordem dos successos ensinar-me  
Por onde devo caminhar seguro.  
Só de Lidia depende tudo quanto  
Me póde succeder. Sua vontade  
Me servirá de guia. Se ella irada  
Mezencio desprezar sem querer dar-lhe  
A mão de esposa: se escolher altiva  
Antes morrer que concordar com elle;  
Devo a favor de Lauso declarar-me,  
E entregar-lhe Fanôr; que desta sorte  
Hum futuro Monarca sirvo, e agrado,  
Pois do presente só tratar não devo.  
Mas se Lidia medrosa se arrepende  
Da funesta constancia, com que firme  
Despreza a vida, e o throno, então succede  
Tudo conforme ao meu desejo, e posso  
Entregallo aos furores de Mezencio.  
Se isto comigo, e chego a vèllo morto  
Feliz farei, não tendo quem se opponha  
Aos meos intentos. Mas Mezencio chega.

## S C E N A IV.

*F U L V I O , e M E Z E N C I O .*

*Mez.* **S** Erá possível que huma vil captiva  
Ouça , e despreze os meos reaes de-  
cretos ?

Sua constancia , ó Fulvio , me atormenta.  
Cruéis suspeitas sempre me combatem.  
Tudo temo de Laufo , e até reccio  
Que Lidia me despreze , desejando  
De meu filho o conforcio : ella o desculpa ,  
Compaffivo lhe chama. Teos conselhos  
De novo quero que me dês.

*Ful.* . . . . . *Mezencio*

A Lidia vence , e vivirás seguro.  
Sua alma austera , e cheia de virtude ,  
Rara em seu sexo , não conhece o rosto  
De tão feia traição. Em fim merece  
Ser de Mezencio esposa , e isto basta :  
Do destino de Laufo nada temas.

*Mez.* De Laufo nada tema !

*Ful.* . . . . . Se me entregas

To-

Todo o poder, que tens sobre os feos dias,  
Eu te juro, meu Rei, que em paz go-  
vernes.

*Mez.* O meu real poder todo te entrego :  
Sua vida te entrego; porém, Fulvio,  
Quanto me custa reprimir ás vezes  
Huns terriveis remorfos, que me opprimem!  
Para viver em paz ferá preciso  
Matar meu filho, que gemendo vive  
Em alta torre, entre crueis tormentos !

*Ful.* Ah Mezencio, os remorfos só nascêrão  
Para as almas pequenas, para os fracos :  
Hum peito nobre não conhece o medo,  
Tudo vê, tudo emprende, e nada teme;  
Ri-se dos males, com que os mais afflige,  
E para ser feliz, faz desgraçados ;  
Banha contente as mãos dos feos no fangue  
Que huma longa exp'riencia nos ensina  
Que os nossos proprios filhos quasi sempre  
São os nossos mais fortes inimigos.  
Qualquer para si nasce, e quanto existe  
A seu favor o dobra : enganos, mortes,  
Castigos, crimes rigido commette

Quan-

Quando he preciso defender a vida;  
Ou quando a mais sublime estado aspira.  
E agora que te vês no precipicio  
De perderes a vida, o Sceptro, e o throno,  
Sentes remorsos! Mostra que és Mezencio.  
Só de Lidia dependes: nada temas,  
Se ella te dê a mão de esposa: o medo  
Tem nas mulheres natural asylo.  
Faze brilhar diante dos feos olhos  
O resplendor do throno, e da Coroa.  
Vaidade de reinar, desejo de honras,  
Tudo move feos peitos cubiçosos,  
Por mais que intentem resistir-lhe fortes.

*Mez.* Eu lhe ordenei que neste mesmo sitio  
Viesses agora procurar-me, e prompta  
Para a vida perder, ou ser ditosa.  
Ella chega. Retira-te: feu rosto  
Que Magestade! que respeito infunde!  
Quero em tudo seguir o teu conselho,  
Por ver se posso a meu favor tornalla.

## S C E N A V.

*MEZENCIO, e LIDIA.*

*Mez.* **J**Á que a forte da guerra, amada Lidia,  
 Te trouxe a meu poder, vive contente.  
 Vê que Mezencio afflicto, e humilhado  
 O teu amor procura, sim, Mezencio,  
 Que impavido não teme o feroz Marte;  
 Que abate as iras de soberbos povos;  
 A cuja voz se prostra tudo quanto  
 Nestes vastos dominios tenho, e rejo.

*Lid.* Ah não queiras, Senhor, mais consternar-me.

*Mez.* Agora tu devias mais que nunca  
 Mostrar-te alegre, pois talvez que afflicta  
 Lutasses com a morte, se Mezencio,  
 De ti compadecido, não quizesse  
 Revogar a sentença.

*Lid.* . . . . . Justos Deoses!  
 Que furor te excitou a revoga-la?

*Mez.* Lidia, não queiras irritar-me altiva;  
 Vê que perdes a vida.

*Lid.* . . . . . Eu a aborreço.

*Mez.*

*Mez.* Aborreces a vida! ah não conheces

Os grandes bens, que perderás com ella!  
 Não vès estas riquezas, que me cercão?  
 Não vès os vastos cofres cheios de ouro,  
 Tirados de entre as mãos de Reis vencidos?  
 Não vès immensos póvos, que domino,  
 Que meos escravos são, e cujas vidas  
 Da minha voz só pendem? Não te agradão  
 As aureas falas, o sublime ornato  
 Dos soberbos palacios, em que vivo?  
 Não desejas subir ao Régio throno?  
 O resplendor da Croa não te excita?  
 Não invejas Mezencio, e não suspiras  
 Por me igualar? Ah minha amada Lidia,  
 Attenta considera estas grandezas.  
 Minha esposa serás; comigo unida  
 Terás tambem igual poder em tudo.

*Lid.* Essas grandezas, que vaidoso pintas  
 São humas vãs fantasmas a meos olhos.

*Mez.* Se vãs fantasmas são, dize-me, Lidia,  
 Quaes são do Mundo os bens, quacs as  
 grandezas?

*Lid.* Quanto enganado vives! são sublimes,

São dignas de respeito ; mas , Mezencio ,  
Sem honra , e sem virtude nada valem ,  
E se hum malvado as dá , eu as desprezo .

*Mez.* Que dizes ! hum malvado !

*Lid.* . . . . . Sim , Mezencio ,  
Tu mais que as feras és cruel . Não posso  
Nem ver-te , nem ouvir-te ; por mais tempo  
Não posso disfarçar o mortal odio ,  
Em que ardo contra ti . Sim , monstro  
infame ,  
Tu meu Pai destruíste , tu no sangue  
De meos irmãos banhaste o ímpio braço ,  
E se estes males emendar podesses ,  
Nem assim meu amor conseguirias ;  
Pois que a virtude nunca no teu peito  
Teve o menor lugar . Tu és hum ímpio ;  
As santas Leis da humanidade pizas ,  
Os deveres de Rei , e pai quebrantas ;  
E Deoses não conheces .

*Mez.* . . . . . Pois conheces  
Deos maior que Mezencio ? se o houvera ,  
Eu delle dependèra : e me nomèa  
Desses , que adoras qual em mim domina ,

Ou

Ou qual pôde reger-me? ... mas deixemos  
 Agora estas idéas. Só te peço  
 Que ouvindo-me benigna, e compassiva  
 A meu favor te mostres: já não posso  
 Supportar a paixão, que me devora.  
 De dia, e noite sem descanso vivo,  
 De meu Reino me esqueço, e quando devo  
 Reprimir o furor de hum Povo indócil,  
 Que raivoso pertende arruinar-me;  
 Quando só devo destruil-lo, nada  
 Mais que Lidia me lembra: tu dominas  
 Sobre o meu coração, e tu reprimes  
 Meu braço de vingança, e morte armado.

*Lid.* Quem a tanto te obriga?

*Mez.* . . . . . Amor me obriga.

*Lid.* Que amor, cruel!

*Mez.* . . . . . Duvidas?

*Lid.* . . . . . Sim, duvido.

O teu proprio interesse he quem te rege.  
 Só elle he o teu Deos. Barbaro monstro,  
 Julgas, que ignoro os teos crueis intentos?  
 Choro, e tremo de horror: queres que eu seja  
 Causa da morte de teu filho? queres

Que

Que a minha mão lhe tire a vida? ó Deoses!  
 Serei o instrumento, com que seja  
 De hum innocente derramado o fangue?  
 De hum innocente, filho de hum tyranno,  
 Que por ser cheio de virtude, intenta  
 Por proprias mãos seu pai assassinal-lo?  
 Livrai-me d'elle, eu vol-lo peço, ó Deoses,  
 Inda que seja á custa do meu fangue.  
 Mais não te canfes, antes morrer quero  
 Do que ser tua esposa: ver a morte  
 Me será menos duro do que ver-te.

## S C E N A VI.

*MERENCIO só.*

**V**Ai, mulher infensata, vai-te, indigna:  
 O throno, que te estava preparado,  
 Te servirá de horrivel cadafalso.  
 Eu mesmo, sim, eu mesmo, ardendo em ira,  
 Cravarei no teu peito agudo ferro.  
 Verás se sou cruel. Barbara morte,  
 Em meu soccorro vem; quantos tormentos  
 Inventar podes, todos te acompanhem.

Li-

Lidia, vassallos, filho, tudo morra,  
E acabe neste dia; que antes quero  
Reger hum Povo dissolado, e hum Reino,  
Que tenha raros; mas fieis vassallos  
Do que infinitos; mas traidores póvos.  
Tudo será ruina, e em toda a parte  
Estragos, ira, raiva só dominem.  
Haverá tanto horror, e tantas mortes  
Que a cada passo hum tumulo se veja,  
E os mesmos vivos de affustados morrão:  
E Lauso... mas á causa destes males  
Darei eu mesmo o premio, que merece.

ACTO

---



---

# A C T O III.

## S C E N A I.

*L A U S O só.*

**A** Mbição de reinar a quanto chegas !  
 Quem a teu Sceptro se sujeita humilde,  
 Quantas maldades pérfido executa !

He possível que tenhas tantas forças,  
 Que os corações mais fortes avassalles,  
 E que os mais puros corrompendo, faças  
 Que hum pai, oh caso horrendo ! as armas  
 tome

Contra seu proprio filho ! e conduzido  
 Pelas traições de hum ímpio Confidente,  
 Alegre siga os seus crueis dictames,  
 E a virtude pizando, o vicio abraçe !  
 Ah meu pai ! triste victima do Sceptro !  
 Sobre ti pender vejo o mortal golpe,  
 Que só devem sentir os Reis injustos.  
 Quanto he difficil que hum Monarca escolha  
 Hum

Hum Ministro fiel, hum bom amigo,  
A quem seu Reino e coração entregue?  
Ah desgraçado aquelle, que suspira  
Por empunhar o Sceptro, e na cabeça  
Cingir o magestoso diadema!  
Aquelle, que envolvido em rotas vestes,  
Com a pobreza passa alegre a vida,  
He muito mais feliz do que hum Monarca,  
De feos vassallos, de si mesmo escravo.  
Ah meu Fanôr! não he meu pai, he Fulvio,  
Quem seu coração docil faz tyranno,  
Quem barbaro te opprime, e quem me obriga  
A vir expôr-me a tão crueis perigos.  
A qualquer movimento, a qualquer sombra,  
Me parece que vejo vir Mezencio  
Armado contra mim: temo que Fulvio  
Me entregue ao seu furor; mas he possivel  
Que hum peito humano a tanto chegue! ó  
Deoses,  
Se acaso vejo acção tão execranda,  
Ou vós não existís, ou nos humanos  
Cuidado algum não tendes. Porém elle  
Para aqui se encaminha.

## S C E N A II.

*FULVIO , e LAUSO.*

*Lauf.* . . . . . **A** Mado Fulvio ,  
 Mais tempo não demores entregar-me  
 O meu Fanôr : eu temo que os tormentos ,  
 Antes que o veja , a vida lhe consumão .  
 Ver seu rosto , cerra-lo entre os meos braços ,  
 Fallar-lhe enternecido , ouvir soltar-lhe  
 A já cançada voz desfalecida ,  
 E livra-lo da morte , ó Ceos ! não posso  
 Comprehender o gosto , que me inspirão  
 Estas idéas . Nada mais desejo .  
 Se chego a vê-lo , se da morte o livro  
 Não ha gloria , que á minha se compare .

*Fal.* Feliz serás em breve tempo : nada  
 Póde fazer que o teu Fanôr não vejas  
 Das prizões livre , e salvo do perigo ,  
 Que já sobre elle pende .

*Lauf.* . . . . . Vamos , Fulvio .  
 Oh immenso prazer ! já me parece

Que

Que em meos braços o tenho ; que lhe  
arranco

Dos pulsos os grilhões ; que em mim os  
ponho ;

Que entre suspiros não consente o ver-me  
Em tão funesto estado ; que repugna  
Deixar-me no perigo.

*Ful.* . . . . . Mas que vejo !  
Mezencio chega ! ah fuge de feos olhos.  
Logo que elle se ausente hirei contigo  
Dar a Fanôr a liberdade , e a vida.

*Lauf.* Quanto sou infeliz !

*Ful.* . . . . . Vai descançado  
Que elle a vida não perde : has de salva-lo.

S C E N A III.

*FULVIO , e MEZENCIO.*

*Mez.* **F**ulvio , he preciso dar a morte a Lidia ,  
A ésta mulher louca , e vil captiva ,  
Que se atreve a dizer-me ímpias affrontas.  
No vasto amphitheatro sejam pôstos  
Dois famintos leões dos mais enormes.

Tremão todos ao ver os meos furores.

Por ella se comece a mortandade.

Fanôr está seguro, e Laufo deve

Depois de Lidia ser affassinado.

*Ful.* Ah senhor, não me agrada ver que Lidia  
Na presença do Povo seja morta.

*Mez.* He justo o que disseste; mas eu quero  
Em todos inspirar terror, e medo;  
E desta forte, o que desejo, alcanço.  
Mas se alguém pertender ir deffendê-la,  
Lhe darei os castigos, que merece  
Quem contra as ordens do seu Rei se volta.  
Dobrem-se as guardas no palacio: cresção  
Os espias fiéis a ver se intenta  
Alguem ou desculpa-la, ou criminar-me,  
Ou contra mim dizer qualquer injúria.  
O mais leve descuido será logo  
Co' a morte mais cruel recompensado.  
Cerque-se a torre, aonde Laufo geme,  
Até que á minha voz obedecendo,  
Se execute a sentença, que mais propria  
Me parecer.

*Ful.* . . . . . Intrépido executa

Quan-

Quanto , Senhor , disseste : desse modo  
Serás temido , e viverás sem susto.  
Se Lidia te offendeo , pague o seu crime.  
Não veja do perdão o rosto affavel ,  
Pois quando algum perverso he perdoado ,  
Outros crimes peiores logo emprende.  
Os que te virem perdoar benigno ,  
O medo perderão , que inspirar deves.  
O funesto terror sempre inflexivel  
Deve ser do teu throno a firme base ,  
E se quizeres viver , sè deshumano.

*Mez.* Tudo he preciso para quem governa ,  
E quanto dizes tenho já pensado.  
Immudavel ferei em dar castigos ,  
A rogos furdo , e no perdão avaro.  
Mas eu que disse ! avaro ! eu delirava.  
Nunca exemplo darei de ser benigno.  
Se for sentenciado hum innocente ,  
Morrerá sem remedio. Afflicto pranto ,  
Súplicas , ais , gemidos lastimosos  
Não poderão mover meu férreo peito.  
Dize , Fulvio , que sentes do que digo ?  
Não faço bem obrando desta sorte ?

*Ful.*

*Ful.* Nem de outro modo obrar devias.

*Mez.* . . . . . Julgas

Que viverei feliz?

*Ful.* . . . . . E nada pôde,

Fazer com que o não sejas. Morta Lidia,

Que louca não respeita os teos decretos;

Que o decóro devido á Magestade,

E as fantas Leis do throno irada piza;

Que impellida da dor, que na alma sente,

Pôde fazer que o Povo se rebelle;

Sendo morto Fanôr, porque pertende

Pôr no throno a teu filho, e destruir-te;

Morto Lauso, de todos o mais forte

Inimigo, que tens, (oh filho ingrato!)

A quem mais do que aos outros temer deves:

E tendo o Povo, em fim, sempre cercado

De medo, e de terror, de ferro, e fogo,

Que te resta depois? que mais te affusta?

Quem te pôde impedir o ser ditoso,

Regendo em paz hum Povo, que humilhado,

Como hum terrivel Deos, ha de adorar-te?

*Mez.* Vamos, Fulvio, fazer que se executem

Minhas ordens. Mas Julia a nós caminha!

O que virá dizer-me! no feu rosto  
 Diviso pranto! Entendo os seus projectos.  
 Debalde humilde vem pedir soccorro.  
 Nunca poderão lagrimas mover-me,  
 E nunca peito feminil me abrandá.

## S C E N A IV.

FULVIO , MEZENCIO , e JULIA.

*Mez.* **Q**ue queres, Julia? que te affusta? falla.

*Jul.* Senhor, se huma captiva em algum  
 tempo,

Prostrada a vossos pés, de vós merece  
 Compaixão, e piedade, ah foccorei-me....

*Mez.* Que pertendes de mim? ergue-te, e falla.

*Jul.* Eu vos peço....mas ah que a voz me falta..

*Mez.* Que pranto vertes, louca? falla, ou vai-te.

*Jul.* Eu vos peço, senhor, que com ternura  
 Queirais ouvir-me. Choro a cruel morte  
 Da minha amada Lidia.

*Mez.* . . . . . Bem te entendo.

E que pertendes mais?

*Jul.*

*Jul.* . . . . . Não posso vê-la  
Perder a vida.

*Mez.* . . . . . Não te cances. Lidia  
Pagará sem remedio o seu delicto.

*Jul.* Ah, senhor, suspendei as vossas iras.  
Meu pranto abrande vosso peito: tende  
Compaixão de huma mísera captiva,  
Que vos pede soccorro. Eu já não posso  
Meu pranto reprimir. Compadecei-vos  
De hum peito cheio de afflicção. Eu sempre,  
Desde os mais tenros annos, no palacio  
Em tudo lhe servi de companhia.  
Não podia viver sem mim; sem ella  
Hum só instante Julia não passava.  
Em nós havia os mesmos sentimentos.  
No pranto, e no prazer eramos ambas,  
Como se huma só alma em nós houvesse.  
Seu pai bem como filha me estimava  
Por ver a união, que em nós havia.  
Inda quando guerreiro, ao som das armas,  
Entre os applausos vencedor prostraste  
Os fortes muros da Cidade altiva;  
Quando terror em todos inspiravas;

Quan-

Quando os filhos tremendo os pais procurão,  
 Julgando encontrar nelles firme azylo;  
 Quando em palacio tudo se confunde,  
 E a Familia Real dispersa vaga,  
 Lidia me busca, Lidia por mim chama,  
 Só quer viver, só quer morrer comigo.  
 Agora... ás fêras... que farei sem Lidia!

*Mez.* Pois morre tu com ella. Vamos, Fulvio.

## S C E N A V.

*JULIA só.*

**A** Ssim me deixa este cruel! ah Lidia,  
 Meu unico prazer, que neste horrivel  
 Captiveiro me fazes companhia,  
 O que farei sem ti! mas não, eu quero  
 Morrer contigo. O Deoses justiceiros,  
 Para quando guardais os raios? quando  
 Castigareis este ímpio, e até quando  
 Consentireis que impune viva, e reine?  
 Se Próculo soubéra (se inda os Deoses,  
 Entre os mortaes, este infeliz conservão)  
 Se elle soubéra quanto aqui soffremos

G

Tal-

Talvez que o seu amor chegasse a tanto,  
Que sem temer perder a vida entrasse  
Nesta barbara terra, e cheio de ira  
Nos viesse vingar, e destruisse  
Este monstro cruel, que nos opprime.  
Ah minha amada Lidia, eu só bastava  
De forças, de valor, de ferro armada  
Para vingar-te, e para defender-nos,  
Se o mesmo Ceo nos não desamparasse!  
Eu vou acompanhar-te, unico allivio,  
Que na desgraça hum infeliz consola:  
E os Deoses, que aos malvados não perdoão,  
Vingarão a seu tempo a nossa injuria.  
Porém que velho venerando vejo!  
Desconheço seu rosto! no Palacio  
Não me lembro ter visto hum tal semblante!  
E que respeito! que terror me inspira!

## S C E N A VI.

*PRÓCULO, e JULIA.*

*Jul.* **Q**ue magestoso aspecto ! Que pertendes ?  
Quem és ? a quem procuras ? Teu  
semblante ,

Tuas cans , tua idade desconheço .

*Próc.* Eu não me engano : he Julia .

*Jul.* . . . . . No teu rosto  
Não sei o que diviso , que me impelle  
Involuntaria a ter-te amor . Que intentas ?  
Mas tu não me respondes ?

*Próc.* . . . . . Feliz sorte ,  
Sè-me huma vez propicia , dai-me , ó Deoses ,  
Firme industria , e valor , para que eu possa  
Minha filha salvar .

*Jul.* . . . . . Confuso fallas !  
Dize que intentas , veneravel velho ?  
Eu afflicto te vejo , e perturbado ,  
Incerto olhando a huma , e outra parte !  
Se foges de Mezencio , acafo ignoras  
Que este he o seu Palacio , e que incançavel

De dia, e noite cuidadoso véla?  
 Que espreita, e cerca estes lugares? teme  
 Que elle irado te veja: e se te póde  
 Huma captiva dar auxilio, falla.

*Próc.* Vós captiva, fenhora? e de Mezencio?

*Jul.* Ai de mim! Ceos, que escuto! vélo, ou  
 sonho!

Que voz á de meu Rei tão semelhante!  
 Quem és? falla, responde.

*Próc.* . . . . . Hum desgraçado,  
 De peito nobre, de fortuna escasso,  
 De terra em terra vagabundo, e pobre,  
 Dos Deoses, dos mortaes desamparado.

*Jul.* He elle; não me engano; Ceos, valei-me.  
 Qual tua sorte foi? qual he teu nome?

*Próc.* Fui poderoso Rei, sou pai de Lidia.

*Jul.* Valei-me, ó Deoses; resistir não posso  
 Ao immenso prazer, que me penetra.  
 Nunca a minha alma se enganou: ah! deixa,  
 O meu Rei, e Senhor, deixa que eu banhe  
 Com lagrimas teos pés. Como he possível  
 Que em tão funesto dia me appareças?  
 Por que razão? com quem? por onde? e como?

Que

Que Deos benigno conduzio teos passos?

*Próc.* Desejo de vingança, e amor paterno.

*Jul.* Amor paterno! ah desgraçada! eu tremo...

*Próc.* Suspende o pranto: porque choras, Julia?

Acafo he morta minha filha? ou louca

Dco ao cruel Mezencio a mão de esposa?

Se nada d'isto succedeo, não chores:

Nada temas dizer-me. Perder tempo

He muito perigoso em tal empreza.

Hum dos Chéfes das tropas de Mezencio,

Que jazia no campo da batalha

Destroçado, sem armas, e ferido

N'um dos combates d'esta horrivel guerra,

E que entre pranto me pedio prostrado

Que delle dó tivesse, e o não mataffe;

Agradecido agora ao beneficio

De eu lhe ter dado a vida, me protege,

Conduz meos passos, e me guia astuto.

Elle com Fulvio tem grande amizade

Seu peito lhe descobre, e a qualquer hora

Lhe tem dado em Palacio franca entrada.

Elle me espéra, para que de novo

A salvo me encaminhe. Sem demora,

Fiel

Fiel me conta a ordem dos successos  
Entre Lidia, e Mezencio. Vagas vozes  
Deste Povo infeliz tenho escutado;  
E sem ser conhecido, em varias partes  
Tenho ouvido de Lidia, e de Mezencio  
Casos tão horrorosos, e confusos,  
Que não pude deixar de vir eu mesmo  
Arriscar minha vida, porque ao certo  
Saber podesse quanto della dizem.  
Huns criminão Mezencio, outros a Lidia.  
Huns dizem que ella impavida despreza  
Deste monstro os furores; que não póde  
Ouvi-lo, ou vê-lo; que aborrecc, e piza  
O Sceptro, e Throno, que elle dar-lhe intenta.  
Outros dizem que á morte he condemnada  
Por delictos occultos. Tu me conta  
Deste caso a verdade, pois se Lidia  
Se portar como deve, e como filha  
De Próculo, farei quanto me inspira  
O terno amor de pai n'uma alma nobre:  
Porém se obrando como humilde escrava  
O sangue desmentir, de que he nascida,  
Como Pai, como Rei, hei de ensinar-lhe

As

As sublimes acções, que obrar devia.

*Jul.* Fiel te contarei quanto de Lidia;  
 Da minha amada Lidia tem disposto  
 O barbaro Mezencio. Este tyranno,  
 De tudo o que he virtude ímpio inimigo,  
 Vendo que o Povo afflicto, e exasperado  
 Com feu cruel governo, não podia  
 Já supportar o pezo de feu Sceptro;  
 Vendo que todos para Lauso olhavão  
 Com amor, e respeito, por que tinha  
 Virtudes dignas de hum Monarca, logo  
 Principia a temer que o Povo irado  
 Lhe tire a vida, e dê o Throno a Lauso.  
 Desconfia dos Chéfes mais valentes,  
 Redobra as guardas no Palacio; foge,  
 Treme, affusta-se ouvindo hum rumor leve,  
 Nada julga seguro, tudo teme,  
 Como aos malvados succeder costuma:  
 Só descobre feu peito, só se fia  
 De Fulvio em tudo semelhante a elle;  
 E por conselho de ambos, que parece  
 Que foi do mesmo Inferno procedido,  
 Determina que Lauso seja morto.

Mas

Mas temendo Mezencio que irritado  
Com sua morte o Povo, mais depresso  
Lhe quizesse tirar a vida, busca  
Seguros meios para reprimi-lo.  
Novas traições inventa, e novos crimes  
Té que vendo que Lidia de tal forte  
Tinha ganhado os corações dos Póvos,  
Por sua rara e exemplar virtude,  
Que bastava só ella apparecer-lhe  
Para de todo reprimir-lhe as furias,  
Pede benigno a mão de esposa a Lidia.  
Ella se affusta, treme, e se confunde  
Ao ver que a mão de esposo intenta dar-lhe  
Hum inimigo teu, cujas mãos vinhão  
Inda banhadas no teu proprio sangue.  
Não quer ouvi-lo, e logo o defengana:  
Elle insta; ella repugna, e finalmente, ...  
Ah Prócuro! não posso mais dizer-te;  
Não me consente a dor dizer o resto.  
Talvez que perca a vida antes que possas  
Vè-la, ouvi-la, cerra-la entre os teos braços,  
Sem que o ultimo a Deos chegues a dar-lhe.

*Próc.* A tanto chega este cruel! ó Deoses!

Por

Por mim mesmo te juro de vingar-me,  
 De vingar Lidia, e derramar o sangue  
 Do barbaro Mezencio. Justos Deoses,  
 Já que atégora ouvistes inflexiveis  
 De hum afflicto os clamores, esta seja  
 A vez primeira que me ouçais benignos.  
 Riquezas, honras, throno, esposa, e filhos,  
 Tudo perdi, e tudo me tirastes:  
 Ao menos dai-me em recompensa o gosto  
 De derramar o sangue de hum tyranno  
 Desprezador dos Deoses, e de tudo  
 Quanto nos Ceos, e terra ha de sagrado.  
 Vai, minha amada Julia, dize a Lidia,  
 Digna filha de Próculo, que irada  
 Ao tyranno resista, pois lhe juro  
 Que antes que a vida perca, hei de vinga-la,  
 E salvar este Povo desgraçado,  
 Que o mortal jugo de Mezencio soffre.

*Jul.* Vede aonde, ah senhor, vos precipita  
 Vossa justa paixão? vede que Fulvio. ....

*Próc.* Quem deseja saber tomar vingança,  
 He necessario que a soffrer aprenda,  
 E que aos perigos seu valor exponha.

H

*Jul.*

*Jul.* Não vos queirais perder.

*Próc.* . . . . . Quem perde a vida

Para a honra salvar deve perde-la.

Mas, Julia, eu tenho descoberto o modo  
Da ruina infallivel de Mezencio.

*Jul.* Vede, Senhor, que aos máos sempre foccorre

A prospera fortuna; e neste dia,

Talvez o mais funesto, e pavoroso,

Que no mundo atégora tenha havido,

Outras mais tristes crueldades temo.

Elle intenta matar parte dos Chéfes,

De cuja fé seguro não se julga.

Grande parte do Povo, que murmura,

Ou que em silencio vive acautelado,

Tambem ha de morrer. Sómente escapão

Aquelles, que pregoão sem descanso,

Como virtudes, suas tyrannias.

Até pertende ao innocente Lauso

Dar horrorosa morte, e entre tormentos

Despedaçar feos membros para serem

Pasto infeliz de sanguinosas fêras.

O deshumano Fulvio tudo rege,

Semèa astuto vigilantes guardas,

Nin-

Ninguem póde escapar-lhe; e neste estado  
Receio que fiqueis vós destruido,  
E vencedor o barbaro Mezencio.

*Próc.* Todos desejão facudir o jugo,  
Se por algum tyranno são regidos,  
E o tormento, em que o Povo afflicto vive,  
He favoravel para os meos intentos.  
Este amigo fiel, que me acompanha,  
Não podendo soffrer as crueldades  
De hum tão soberbo Rei, comigo unido  
Rebellará os Chefes, que sem causa  
São perseguidos por Mezencio: a todos  
Porei a meu favor; e muito facil  
Me ferá convence-los, por que ao verem  
Sua constante fé, suas vigalias,  
Scos trabalhos tão mal recompensados,  
He impossivel que em furor não ardão  
Scos peitos á vingança costumados,  
E que não queirão facudir o jugo,  
Banhando as mãos irados no seu sangue,  
Aquellas mãos, que firmes atégora  
No Throno o sustentáião. As desgraças,  
Que afflictos soffrem: a tyranna morte

Do innocente Laufo, que não posso  
 Sem horror proferir, tudo concorre  
 Para move-los a tomar vingança,  
 E deste monstro derramar o sangue.  
 Vai, dize a Lidia que, se acaso pôde,  
 Rancor maior para Mezencio mostre,  
 E que se faça digna da ternura  
 De hum carinhoso pai.

*Jul.* . . . . . Os justos Deoses  
 Fiéis vos acompanhem, e prosperem  
 Vossos intentos, que tremer me fazem,  
 E me enchem de terror, e de ternura.  
 Salvai, ó justos Ceos, salvai a Lidia,  
 Livrai da morte a tantos desgraçados,  
 Que o jugo soffrem do cruel Mezencio.

---

**A C T O I V .****S C E N A I .***F U L V I O , e M E Z E N C I O .*

*Mez.* **F**iel, constante Fulvio, já deixaste  
Para a morte de Lidia tudo prompto?

*Ful.* Já dois bravos leões crueis esperão  
Na grande praça a victima insolente.  
Com as felpudas caudas açoitando  
As fulvas ancas, e o costado immenso  
Rãpão a terra, escumão de enraivados,  
E entre as nuvens de pó, que erguem  
foberbos,

Os inquietos olhos lhes fuzilão :  
Rangendo os duros, carnicheiros dentes,  
Correm bramindo de huma a outra parte ;  
O Povo junto de assustado pasma ,  
E a cada hum de horror se gela o fanguc.

*Mez.* Está bem : pois agora he necessario  
Dispôr o resto, e dar a morte a Lauso.

*Ful.*

*Ful.* Deixa, senhor, que hum pouco se demore ;  
 Porque não julgo ser conveniente  
 Ambos morrerem neste mesmo dia.  
 He mais facil que o Povo se reprima  
 Vendo a morte de hum só que a morte de  
 ambos.

E como errado, e cêgo inda imagina  
 Que elles sem culpa vão perder a vida,  
 He mais difficil. Vê primeiro o como  
 Elle soffre esta morte para vermos  
 Os meios certos de matar teu filho,  
 Sem que o Povo em furor queira vingá-lo.

*Mez.* Teu conselho me agrada ; he justo, Fulvio,  
 Que primeiro que tudo seguremos  
 As nossas vidas do furor do Povo.  
 Pois vai, tudo acautela, não succeda  
 Que por qualquer descuido, ou falta de ordem  
 Frustradas fiquem nossas esperanças,  
 E contra nós as nossas mesmas armas.  
 Mas Lidia chega. Como satisfeita  
 Entre cadeas vem buscar a morte!  
 Talvez que ouvindo os horridos bramidos  
 Dos famintos leões, que hão de tragar-te,  
 Tua

Tua altivez, e teu valor se abata.  
 Vai, Fulvio, e quando tudo estiver prompto  
 Vem fazer conduzi-la para a morte.

## S C E N A II.

*MEZENCIO, e LIDIA.*

*Mez.* **H**E tempo, Lidia, de mostrar agora  
**H**A quanto chega o teu valor.

*Lid.* . . . . . Não julgues  
 Por tua alma fervil as almas nobres.  
 Eu, como hum grande bem, deſejo a morte ;  
 Tu como o maior mal ſoffre-la temes,  
 Temor, que ati, e aos teos ſempre acom-  
 panha,  
 E a quantos ſeguem dos cruéis os paſſos.  
 Pois ſabe que a virtude nada teme ;  
 Sabe que o fangue, de que ſou nascida  
 Não ſoffre injurias por fugir á morte.  
 Nem penſes que éſtas barbaras cadêas  
 Me enchem do horror, que he proprio do  
 meu ſexo.

Hei de encarar as féras ſem que tenhas

O

O gosto de me ver desfallecida :  
 Hei de ensinar-te, ó alma vil, o como  
 Deves morrer, e desprezar a morte ;  
 Que inda nas veias me circula o fangue  
 De Próculo.

*Mez.* . . . . . E bem mostras na constancia,  
 Que deves com razão ser nomeada  
 Digna filha de hum Rei por mim vencido .  
 De hum Rei , que , ao ver prostradas suas  
 tropas ,  
 Largou as armas por fugir á morte ;  
 Acção por certo digna de memoria,  
 Alma sublime superior ás outras !

*Lid.* Se Próculo fugio , foi por que os Deoses ,  
 Conduzindo benignos os feos passos ,  
 Para acções mais famosas inda o guardão.

*Mez.* Sem dúvida , talvez que n'um deserto ,  
 Affaltado das feras , ou sem forças ,  
 De voráz fome , de cruéis trabalhos  
 Combatido acabasse os tristes dias.

*Lid.* Trazei-me , ó Deoses , o feliz instante  
 Da vingança mortal. Ah já não posso  
 Reprimir meu furor.

*Mez.*

*Mez.* . . . . . Comtigo fallas!

Qual he o teu furor, tua vingança?

Dize, Lidia, quaes são os teos intentos?

*Lid.* Ufano fallas, porque me vês preza.

Ah barbaro, inda ignoras até onde

De huma irada mulher o furor chega!

*Mez.* Se me queres matar, tira-me a vida;

Se te queres vingar, vingança toma.

*Lid.* Anda tyranno, solta-me estes braços,

Tua gloria verás desvanecida.

Essa espada me entrega, armas me entrega;

Que eu te juro que Lidia, conduzida

Não será para a morte, e que Mezencio

Dos meos furores vencedor não fique:

E que da minha esquerda, pendurada

Pelos cabellos, fatiseito veja

Tua cabeça o Povo; e que da dextra

A fumegante espada, com que fora

Tua cruel garganta decepada.

*Mez.* Quanto póde o furor! quanto a soberba

Nos Reaes peitos, inda que vencidos!

Pois faze, Lidia, tudo quanto podes,

Que em breve tempo acabarás a vida.

De mim blasphema, chama-me tyranno  
 Do mundo o mais cruel; que iradas vozes  
 De feminino peito nunca devem  
 Com sevéra attenção ser escutadas:  
 E quando fores aos leões entregue,  
 Com elles próva o teu valor, que excede  
 Do barbaro Mezencio as fracas forças.

## S C E N A III.

*L I D I A só.*

**V** Ai, monstro abominavel, que o teu  
 sangue  
 Ha de ser derramado em breve tempo.  
 Ah minha amada Julia! ah quem podéra  
 Ter, como tu tiveste, igual ventura  
 De fallar a meu pai!.. Mas ah que os Deoses  
 Não guardáo para mim esta fortuna!  
 Sou muito desgraçada! Oh quem tivéra  
 O gosto de morrer, porém vingada,  
 Salvo meu pai de todos os perigos!  
 Elle aonde estará! valei-me, ó Deoses,  
 Acompanhai-me neste desamparo:

Ti.

Tirai-me a vida; mas permiti que antes  
Eu lhe possa fallar, que possa vê-lo.  
Apartai delle todas as desgraças,  
Que em toda a parte o cercão: dai-me ao  
    menos

O gosto de morrer entre os seos braços;  
E se estes meos suspiros vos commovem;  
Se dais ouvidos a meos tristes rogos:  
Ah! livrai-o das furias de Mezencio;  
Dai-lhe ventura mais feliz que a minha.  
Embora eu perca a vida, salve-se elle.  
Se acaso he descoberto, se Mezencio  
A meu pai reconhece... eu me horrorizo!  
Que tormentos! que morte! eu defanimo.  
Que feias sombras! que espantoso espectro!  
Já me parece ver duros algozes  
Com as ávidas mãos pegar na preza,  
Despedaçar seos membros... Eis-lhe arrancão  
As entranhas! o peito aberto range!  
O coração fumeja! o roxo sangue  
Na ferida mortal fervendo escuma!  
Ceos, que he isto! eu deliro! perco a vida!  
Fugi, fugi de mim, cruéis espectros,

Errantes sombras, pavorosas furias,  
 Que me quereis? o Tartaro me opprime.  
 Cruéis presagios de futuros males!  
 Se he verdade o que vejo, o mesmo Inferno  
 Nas horrendas entranhas me sepulte.  
 Deixai-me, furias... ai de mim que vejo!  
 Julia! Julia! meu pai! ah meu pai foge!  
 A morte já te segue! a ti se lança!  
 Ah meu querido pai, foge... Ella o prende...  
 Espera, infernal furia....

## S C E N A IV.

L I D I A , e J U L I A .

*Jul.* . . . . . **L**idia, Lidia,  
 Que sobrefalto he esse?

*Lid.* (1) . . . . . Em fim venceste.

*Jul.* Não conheces a tua chára Julia!

*Lid.* Morreo meu pai! eu morro juntamente;  
 Eu te acompanho.

*Jul.* . . . . . Não morreo; he vivo.

Ah

---

(1) Desmaia, e Julia a segura.

Ah minha Lidia , tu deliras.

*Lid.* . . . . . Foge ,  
Espirito immortal , em paz descança.

*Jul.* Valha-me o Ceo ! que dizes , minha Lidia ?  
Inda vive teu pai.

*Lid.* . . . . . Que voz me chama ?  
Inda vive meu pai ! e assim me enganas !

*Jul.* Ah chára Lidia , não te engano : he vivo :  
Tu deliras , teu pai ainda vive.

*Lid.* Ainda vive ! e quem lhe deo a vida !

*Jul.* Elle te vem fallar ; não defanimes .

*Lid.* Elle me vem fallar ! eu já respiro .  
Ah , minha Julia , ainda me parece  
Que o vejo dar os ultimos arrancos ;  
Parece-me que o vejo moribundo .

*Jul.* Quem te impellio a tanto excessso , dize .

*Lid.* O temor que Mezencio descubrisse  
Que elle estava em Palacio , de tal sorte  
Na idéa mo pintou , que inda duvido  
Se he verdade o que via .

*Jul.* . . . . . Não duvides  
He falso quanto vias . Elle intenta  
Fallar-te , e para aqui já se encaminha .

*Lid.*

*Lid.* Porque? morreo Mezencio?

*Jul.* . . . . . Ainda vive.

*Lid.* Cruel! quando será despedaçado?

*Jul.* E teu pai determina brevemente  
Outro conselho mais seguro dar-te.  
Mas elle chega.

*Lid.* . . . . . O' Deoses, he possivel  
Que eu possa vê-lo sem perder a vida?

### S C E N A V.

*LIDIA, JULIA, e PRÓCULO.*

*Próc.* **E** Ntre cadêas, minha filha! . . ó Deoses! . . .

*Lid.* **E** Ah meu querido pai. . . . .

*Próc.* . . . . . Lidia, suspende  
O teu justo transporte: ergue-te, filha.  
O tempo he muito breve, e a grande em-  
preza,  
Que tenho meditado, não permite  
Que em ternas expressões nos demoremos:  
Ouve-me, ó filha. Nós quebrar havemos  
Essas cadêas, que innocente arrastas;  
E que mais do que a ti gemer me fazem.

Me-

Mezencio ha de morrer; mas he preciso  
Que lhe promettas dar-lhe a mão d'espôsa.

*Lid.* Eu dar-lhe a mão de espôsa!

*Próc.* . . . . . He necessario.

*Lid.* Se vós mesmo, por vossa mesma boca,  
E á minha propria vista não me désseis  
Este duro preceito, inexoravel,  
Como atégora fui, sempre seria.

*Próc.* Tudo te louvo quanto tens obrado.

He tempo de ausentar-me: alguns dos Chéfes,  
Com mão armada, irados me acompanhão.  
Já pela Stygia intrépidos jurarão  
Minhas ordens seguir, matar Mezencio,  
E dar o Throno a Laufo. Se atégora  
E's minha digna filha, continúa  
A merecer o meu amor, e faze  
Quanto te ordeno. A Deos, amada filha.

SCE.

## S C E N A VI.

L I D I A , e J U L I A .

*Lid.* **P**orque me appareceste! em que desgraças  
 Novamente me vejo submergida!  
 Seos passos conduzi, ó justos Deoses,  
 Não o deixeis sem vós hum só instante!  
 Ah como poderei mostrar agrado  
 Para Mezencio? como no meu rosto  
 Mostrarei hum affecto, que em meu peito  
 Não tem, nem póde ter pequeno azylo?  
 Como as minhas palavras, que arrogantes  
 O desprezárão sempre, hão de mostrar-se  
 A seu favor? não sei fingir-me. Ah, Julia,  
 Aborreço, e desprezo dos traidores  
 As infames politicas! não posso  
 Hir ao contrario do que na alma sinto.

*Jul.* Esses temores vãos de ti desterra.  
 Basta que mostres tal horror á morte,  
 Que o faças persuadir que te arrependes  
 Das injúrias, que em rosto lhe lançaste,

E que intentas salvar a vida; mostra  
 Que os feos castigos temes, que o respeitas  
 Como teu protector, que a vida, e o Throno,  
 Nobre contigo liberal reparte;  
 E que para mostrar-te agradecida  
 A tantos beneficios lhe promettes  
 A mão d'espôsa dar, que lhe negaste.

*Lid.* Tudo farei; mas temo que o meu odio  
 De todo me allucine á sua vista.  
 Temo obrar o contrario do que devo.

*Jul.* Agora, Lidia, mais que nunca mostra  
 O teu grande valor. De ti depende  
 A fortuna de Lauso, e deste povo,  
 A vida de teu pai, e as nossas vidas;  
 E para te animar, lembra-te, Lidia,  
 Que te disse teu pai que era preciso  
 Que prometteesses dar-lhe a mão de espôsa.

*Lid.* Mas Fulyio chega. O' Deoses, animai-me.

## SCENA VII.

LIDIA, FULVIO, e JULIA.

*Ful.* **C** Aminha, Lidia, prompta para a morte.  
Tudo te espera, vem perder a vida.

*Lid.* E não sentes remorsos? não te move  
A compaixão de ver minha innocencia?  
Que duro coração! não te horrorizas  
Quando huma tal sentença pronuncias?

*Ful.* Suspende o teu furor que fazes, Lidia?

*Ful.* As ordens do meu Rei praticar devo  
Com valor, e constancia inalteravel,  
Pois inda que elle mande acções tyrannas  
Obedecei ao Rei, que nos governa:  
He virtude, que sempre o Ceo premêa.  
Elle me ordena que em prizão segura  
Te faça conduzir á vasta praça  
Para perder a vida. Vamos, Lidia.

*Lid.* Não posso ... espera, Fulvio.

*Ful.* . . . . . Não vacilles.  
O Rei te espera. Se morrer temias,  
Porque indocil ouviste as suas vozes?

Por-

Porque irritaste o seu furor? acaso

Ignoras ainda quem elle era?

Já não he tempo de perdão. Mezenzio

Não sabe perdoar. Elle benigno

Contigo se mostrou quando a sentença,

Que huma vez proferio, compadecido

Revogou. Tu cruel, sempre inflexivel,

De ti mesmo inimiga, pertendeste

Contra ti mesmo dar mortal sentença:

Agora em vão soccorro afflicta pedes.

*Lid.* Ah, nobre Fulvio, escuta os meos gemidos.

*Ful.* Já não he tempo de escutar gemidos.

A hora de morrer está chegada.

Manda-me o Rei; eu devo obedecer-lhe,

E retardar não posso as suas ordens.

*Jul.* Ah Fulvio, hum pouco o teu furor reprime.

*Ful.* Callai-vos, loucas; que intentais que eu faça?

Sou por ventura o vosso Soberano?

Dei por ventura esta sentença, ou tenho

Poder para livrar da morte a Lidia.

*Lid.* Se tu quizesse defender meos dias,

Se quizesse benigno proteger-me,

O Rei, que em tudo abraça o teu conselho,

A vida me daria. Ah Fulvio, ampára  
 Huma infeliz, que busca o teu abrigo  
 Huma Princeza, que procura humilde  
 No compassivo Fulvio achar soccorro.

*Ful.* Que he isto, Lidia! aonde existe aquelle  
 Intrépido valor, que nos mostravas?  
 Onde aquella constancia, com que firme  
 Chamavas pela morte, desprezando  
 O que humilhada agora soffrer temes?  
 Onde a foberba, com que ha pouco vinhas  
 A Mezencio insultar, e a todos quantos  
 Julgavas que erão contra ti?.. Não fallas?..  
 Dize-me, Lidia, aonde existe aquella  
 De teu sangue real alta nobreza?  
 Não eras tu a mesma, que estimavas  
 Antes morrer do que viver sem honra?  
 O como podes humilhar-te agora?  
 Como pedes a vida, e não a morte?  
 Por ventura não he melhor estado  
 Perder a vida que viver cativa?  
 Não he melhor morrer que ser esposa  
 De Mezencio? responde, que motivo  
 Póde obrigar-te a tal mudança? dize.

*Lid.*

*Lid.* De minha natureza as fracas forças,  
 Ah Fulvio , me enganarão. Já não sinto  
 O valor , em que louca me fiava.  
 Suíto , medo , terror , e tudo quanto  
 A feia morte tem de pavoroso ,  
 De tal forte me opprime que não posso  
 Para a minha ruina dar hum passo.  
 Parece-me que vejo as bravas fêras ,  
 Bramindo abrirem as horrendas fauces.  
 Já me parece que escumando as vejo  
 Virem correndo a mim para tragar-me.  
 Parece-me . . . mas ah ! eu me horrorizo !  
 Em tão grande afflicção , benigno Fulvio ,  
 Ampára huma infeliz.

*Ful.* . . . . . Não ha remedio.

*Lid.* Não ha remedio ?

*Ful.* . . . . . Vamos.

*Lid.* . . . . . Morro ?

*Ful.* . . . . . Morres.

*Lid.* Ai de mim desgraçada ! em que desgraças  
 Minha louca paixão vai despenhar-me !  
 Ingrata Lidia , tu só és culpada  
 Em tua morte : és tua matadora . . . . .

De ti mesma affassina, não te queixes  
 Senão de ti. Mezencio justiceiro  
 Obra o que deve. Que inimiga furia  
 Em toda a parte me persegue, e opprime?  
 Foge, foge de mim, barbaro monstro,  
 Deixa-me em paz. Tu foste quem raivosa  
 Contra Mezencio me excitou, tu foste  
 A que por mim disseste ímpias affrontas  
 Ao benigno Mezencio, que intentava  
 Collocar-me no Throno. Se não fora  
 Minha grande loucura, eu não me víra  
 De tantos males combatida: agora  
 Quero emendar meu erro, e já não posso,  
 Quero dar a Mezencio a mão de esposa,  
 E ferei, com justiça, deprezada.  
 Ai de mim infeliz! Deoses, valei-me!  
 Já que he tão grande a minha desventura,  
 Que entre os homens não posso achar soc-  
 corro,  
 A furia suspendei das bravas feras,  
 Ou antes de eu as ver tirai me a vida.  
 Vamos.

*Ful.* . . . . Espera. Oh quanto sou ditoso!

Tu

Tu que disseste? acaso intentas, Lidia,  
 Dar a Mezencio a mão de esposa? queres  
 Salvar a vida deste modo? juras  
 Que firme has de existir no que disseste?

*Lid.* Ah Fulvio, se inda posso ser ouvida,  
 Se podem ter lugar inda os meos rogos,  
 Eu quero concordar com elle; quero  
 Evitar tantos males, e salvar-me  
 Trocando o estado, em que infeliz me vejo,  
 Pelo sublime estado, que Mezencio  
 Benigno me quiz dar.

*Ful.* . . . . . Firme executá  
 Quanto disseste, pois talvez que ainda  
 Eu possa socorrer-te. Retirai-vos.  
 Vou fallar a Mezencio, e em breve espaço  
 Saberás se és feliz, ou desgraçada.

## S C E N A VIII.

*FULVIO só.*

**E**U nunca me enganei no que pensava.  
 Humilde condição! pequeno sexo  
 Por natureza timido, e soberbo,

Ago-

Agora vejo a quanto chega a tua  
Affectada constancia, que se a rogos  
E a dadivas não cede, ao temor cede.  
Feliz temor, que tudo conseguiste  
Quanto eu difficil de alcançar julgava,  
E quanto póde appetecer Mezencio.  
Os meos, e feos intentos se cumprirão.  
Agora póde sem temor tratar-se  
De matar Lauso: tudo está seguro.  
Elle de mim se fia, entre nós vive;  
Póde ser morto sem que o povo saiba.  
Astuto excitarei as mortaes furias  
De Mezencio cruel, e quando, ah nescio!  
Louco pensares que Fanôr te entrego,  
Entre as mãos de teu pai te has de ver prezo,  
Entre agudos punhaes, entre os horrores  
Da morte mais cruel, que se tem visto.  
Pelas cruentas mãos de hum pai tyranno  
Brevemente ferás affassinado.  
E desta sorte viverei ditoso,  
Sem que possa assustar-me em algum tempo,  
A presença de Lauso, e sem que possa  
Assombrar-me, ou temer sua virtude.

ACTO

---



---

**A C T O V .**
**S C E N A I .***L I D I A , e P R Ó C U L O .*

*Próc.* **N**ADA mais falta que ires para o Templo.  
 Chéfes, soldados, todos estão promptos  
 Para ao menor final accommetterem  
 Contra o barbaro Rei. Todo o palacio  
 Está minado de fiéis vigias.  
 He impossivel que salvar-se possa  
 Do laço occulto, que lhe está traçado:  
 Porém, amada filha, a ti sómente  
 Se deve desta acção a gloria inteira.  
 Se tu não foras, elle não teria  
 Já sobre si pendente certa a morte.

*Lid.* Ah meu pai, a virtude austera, e pura,  
 Com que sempre em palacio me educastes,  
 Me fez crear hum tal horror ao vicio,  
 Que temi muitas vezes ser traidora,  
 Ainda mesmo conhecendo que era

L

Con-

## Contra Mezencio.

- Próc.* . . . . . Ah minha amada filha,  
 Tu me enches de prazer, quando te vejo  
 Cumprir fiel os paternaes dictames!  
 Pois não ha para hum pai maior ventura  
 Que ver feos filhos de virtude cheios  
 Em tudo completarem feos defejos.  
 Mas não te affustes quando os mãos castigas;  
 Que he necessario ser cruel ás vezes,  
 E co's tyrannos mais tyranno que elles.  
 Toma valor, imita-me constante.
- Lid.* Meu pai, não julgues que o valor me falta  
 Para tão grande empreza. Sinto em furia  
 Abrazar-se-me o peito: sinto forças  
 Capazes de vencer quantas desgraças  
 Traidora mão poder tecer-nos, quando  
 Te vejo armado caminhar valente.  
 Se acaso te parece mais seguro  
 Eu mesma lhe darei a morte, eu mesma  
 Me exporei ao perigo; que he mais facil  
 Eu cravar-lhe o punhal, sem que tenhamos  
 Que o exito feliz faltar-nos possa:  
 Pois, quando a mão de esposa for a dar-lhe,

O mortal golpe inesperado posso,  
 E me atrevo tão destra a despedi-lo  
 Que em vão ferá querer salvar-se. Eu temo  
 Que outrem qualquer, ao despedir do golpe,  
 Trema, vacille, e semivivo o deixe,  
 E de forte que os seus valer-lhe possão.

*Próc.* Quanto me custa reprimir o pranto,  
 Que me fazem verter tuas palavras,  
 Pranto nascido de alegria: ó filha,  
 Nos ternos sentimentos, que me exprimes,  
 O meu sangue real em ti conheço.  
 Mas não he tempo de mostrar-te agora  
 A ternura, e prazer, que em mim produ-  
 zem.

Tudo está prompto, tudo está seguro.  
 Não temo que elle á morte escape. A todos  
 De tal forte á vingança achei dispostos,  
 Que parece que Fulvio unicamente  
 Não toma as armas para destrui-lo:  
 Mas talvez as tomára se o soubera,  
 Como aos vós lisofneiros acontece  
 Quando vem sobre os Reis contraria a forte.  
 Vês aquella passagem retirada,

Que para o Templo se encaminha , aonde  
 Louco imagina celebrar as nupcias ?  
 Pois por alli de certo he que Mezencio  
 Determina passar , e quando incauto  
 Julgar que está seguro , os guardas todos ,  
 Que o hão de acompanhar , ao final certo  
 Agudos ferros empunhando altivos ,  
 Hão de cravar-lhos no tyranno peito :  
 E ao mesmo tempo os Chéfes determinão ,  
 Em altas vozes acclamando Laufo ,  
 Concorrer em tumulto para a torre ,  
 Aonde entre grilhões mísero vive  
 Escravo de seu pai ; e determinão  
 De entre os grilhões ao Throno condu-  
 zi-lo.

*Lid.* Esta acção tão sublime o Ceo complete.  
 Porém , meu pai , receio que a desgraça ,  
 Que sempre nos persegue , frustrar venha  
 Nossos intentos , temo que te vejão ;  
 Que possão conhecer-te , e que Mezencio  
 Nestes momentos ultimos descubra  
 Esta justa traição , e a causa della.  
 Temo que tudo.....

*Proc.*

*Próc.* . . . . . Nada temas, filha:  
Quem obra com prudencia faz que nação  
Imensos bens do feio da desgraça:  
E se eu com ella arnei contra Mezencio  
As suas mesmas trópas, se com ella  
Tornei a meu favor meos inimigos;  
Tambem prudente hei de evitar os males,  
Que poderem frustrar os meos intentos.  
Porém se acontecer que os altos Deoses  
Não queirão proteger-nos nesta empreza;  
Se acontecer que seja descuberta  
Esta conjuração, teu pai te ordena  
Que antes morras que dar-lhe a mão de es-  
posa.

*Lid.* Mas ah! que vejo! fuge acautelado  
Que Fulvio chega.

*Próc.* . . . . . A Deos, amada filha,  
Mostra que és sempre a que atégora foste.

## S C E N A II.

*LIDIA, e FULVIO.*

*Ful.* **N**obre Lidia, permite que humilhado  
Fulvio te beije as régias mãos: con-  
fente

Que prostrado a teos pés te dè gofoso  
De Rainha, e fenhora os altos nomes,  
De que te fazes digna. Só te peço,  
Antes que ao Throno Magefoso subas,  
Que em tempo algum de Fulvio não te  
esqueças ;

De Fulvio, a quem.....

*Lid.* . . . . . Conheço que sómente  
A Fulvio devo quanto fou, conheço  
Que só a elle devo a vida, e o Throno:  
E nunca poderá contraria forte,  
Ou prospera fortuna em algum tempo  
Fazer que Lidia chegue a fer ingrata  
Aos grandes bens, que liberal me dêfte.  
Até defejo, ó Fulvio, a mefma vida,  
E o mefmo Throno repartir contigo.

*Ful.*

*Ful.* De tua alma real nunca eu devia  
Esperar sentimentos menos nobres.  
Porém perdôa, Lidia, se de Fulvio,  
Em algum tempo, injúria recebeste.  
Sempre ao meu Rei fiel, fiel á Pátria,  
Inda quando elle irado fulminava  
Por ver teu coração ao seu contrario,  
Nunca deixei de honrar tuas virtudes.

*Lid.* De Ministro fiel, de peito humano  
Sempre em ti conheci próvas bem claras:  
E em quanto Lidia conheccr o preço .  
Destas raras virtudes tão sublimes  
Sempre Fulvio ferá feliz comigo.  
Eu pertendo que a minha fiel Julia  
Comigo venha ao Templo, eu vou chamá-la;  
E a qualquer hora que Mezencio ordene  
Hirci contente dar-lhe a mão de esposa.

SCE.

## S C E N A III.

*FULVIO só.*

**A** H quanto vale huma feliz astucia!  
 Mezencio a meu favor, Lidia innocente,  
 Com terno coração a defender-me,  
 Grata a meos benefícios, e Rainha,  
 Não tenho mais que desejar. Agora  
 Se tenho conduzido sempre sábio  
 Esta feliz intriga, devo astuto  
 Chega-la ao fim, que tenho imaginado.  
 Pouco tarda Mezencio, e depois d'elle  
 Aqui ha de vir Lauso. He impossivel  
 Que elle possa escapar, por mais que faça,  
 Ao intrincado enredo, que lhe teço.  
 O' almas vís, que estais vivendo humildes  
 Em profundo lethargo submergidas,  
 Vinde aprender de mim, vede o caminho  
 De ser feliz, e de evitar os males.  
 Porém Mezencio vem. Eu quero agora  
 Ver onde chega o meu feliz engenho.

SCE-

## S C E N A IV.

*FULVIO , e MEZENCIO.*

*Mez.* **E** Stá chegada a hora de ir ao Templo.  
 Lidia está prompta , tudo nos espera.  
 Vai tu á torre , aonde Laufo geme :  
 Faze em segredo conduzi-lo. Agora  
 He tempo de mostrares quanto podes ,  
 E quanto vales nesta grande empreza ,  
 Que he tão difficil , quanto della és digno.  
 Tu dominas em mim , e no meu Reino :  
 E's vassallo , e monarca ao mesmo tempo ;  
 Tens mais poder do que eu , e o terás sempre  
 Se ésta acção tão difficil completares ;  
 Acção de que dependem nossas vidas ,  
 E o mesmo Throno.

*Ful.* . . . . . Quanto desejavas ,  
 E podes desejar está completo.

*Mez.* Tudo completo ! que me dizes ?

*Ful.* . . . . . Tudo  
 Quanto agora ordenaste tenho feito.

*Mez.* He possível , ó Fulvio !

M

*Ful.*

*Ful.* . . . . . Sim, Mezencio.

Não resta mais que dar-lhe a morte.

*Mez.* . . . . . E como?

Eu não te entendo, Fulvio; estou confuso.

Este entedo me explica.

*Ful.* . . . . . Pois Mezencio,

Não ha, nem póde haver maior ventura.

Em nossas mãos veio entregar-se aquelle,

Que desejavas ter seguro, e morto.

E se não vens agora eu já corria

A dar-te parte deste caso estranho.

Daqui Lauso sahio ha pouco.

*Mez.* . . . . . Lauso!

Ah traidor! ah cruel! e como Fulvio

O deixaste fugir? que pretendia?

Quem o soltou? ah pérfidos vassallos!

Porque lhe não tiraste logo a vida?

Para onde fugio? quero segui-lo.

Por onde foi? eu vou assassina-lo.

Vamos, Fulvio.

*Ful.* . . . . . Suspende os teos furores.

He necessario obrar com mais prudencia.

Não temas que elle ás tuas mãos escape;

Pois

Pois mais seguro está do que se agora  
Entre grilhões n'um carcere estiveſſe.

*Mez.* Não percas tempo, tudo me declara.

*Ful.* Sabe que Lauſo, da prizaõ fugindo,  
Tão louco foi que imaginou que Fulvio  
Havia contra ti pegar nas armas.

Eu me encho de terror quando em tal penſo!

Primeiramente me pediu proſtrado

Que o ſeu querido amigo lhe entregaffe,  
Com o falſo pretexto de ſalva-lo.

Porém eu, vendo aonde caminhavão

Seos traidores intentos, pouco a pouco

Fui puxando ſeu fragil peito incauto.

Eu confeffo, meu Rei, que nas palavras

Contra ti me moſtrei; porém bem ſabes

Qual he meu coração. Apenas elle

Me julgou contra ti, eis de repente,

Ardendo em ira, eſcuma embravecido,

E perdendo o temor, que lhe cauſava

Minha preſença auſtéra, as prizaõs rompe,

Que a mortifera lingua lhe prendiaõ.

Ah meu Rei, nunca ouvi tantas blaſfemias!

A cada voz, que o pérfido ſoltava

Gelava-se-me o sangue: eu inda ignoro  
 Como pude fuster a raiva, e como  
 Sem lhe tirar a vida pude ouvi-lo.

*Mez.* E porque o não fizeste? ah fraco Fulvio!

*Ful.* Ouve-me o resto, e faberás a causa.

E depois reprimindo hum pouco as furias,  
 Que nos olhos, e rosto lhe fervião,  
 Contra mim se voltou, chamou-me louco,  
 Porque só no presente me fiava

Do futuro esquecido, e que imprudente  
 Não olhava aós teos annos: e de novo

Ardendo em nova cólera profere

Expressões mais cruéis do que as primeiras  
 Contra as rectas acções, que tens obrado,  
 Expressões tão cruéis, que de assultado  
 Muito tempo fiquei suspenso, e mudo.

Depois disto co' a morte me ameaça.

Jura vingar-se, e rebellar o povo:

Ah Mezencio! estas forão as palavras,  
 Com que elle se exprimio. Pelo Ceo juro  
 Mezencio derrubar do excelso Throno.

Verás que hão de servir-me os meos con-  
 trarios:

Dê degrãos para elle ; e verás Fulvio,  
 Que hei de arrancar-lhe a desgraçada Lidia  
 Dos cruéis braços, com que injusto a prende :  
 Verás, em fim, que á sua propria vista  
 Hei de subir com ella ao régio Throno.

*Mez.* Ah barbaro ! ah cruel ! juro vingar-me.

*Ful.* Entretanto eu pensava sobre o modo  
 De impedir-lhe a sahida, e de entregar-to.  
 Mas vendo que alcança-lo não podia  
 Sem concordar com elle, lhe prometto  
 Seguir o seu partido, juro dar-lhe  
 Seu amigo Fanôr, juro entregar-te.  
 Elle os meus juramentos acredita.  
 De immenso gosto transportado fica,  
 Riquezas me promette, honras, e imperios,  
 Julgando certa ser tua ruina,  
 Se eu contra ti, e a seu favor me armasse.  
 Mandei-o retirar, e que tornasse  
 Em breve tempo aqui, onde tu podes  
 Seguro dar-lhe a morte mais horrivel,  
 E descansado caminhar ao Templo.

*Mez.* Ah meu querido Fulvio, honra da Pátria  
 Exemplar dos Ministros, raro amigo,  
 Que

Que sería de mim se tu não foras !  
 Pois antes que elle possa ver-me, quero  
 Junto desta columna ir occultar-me.  
 Faze que elle te siga, e o encaminha  
 Ao lugar onde estou, e ao mesmo tempo,  
 Que elle encarar comigo . . . . vinde, ó furias,  
 Em meu soccorro, acompanhai-me todas,  
 Movei meu braço, dirigi o golpe.  
 Eu vou. He tempo de me ver já livre  
 Dos temores, que sempre me acompanhão.  
 Eu vou . . . . Porém que sinto ! eu defanimo !  
 Tremem-me os passos ! gela-se-me o fangue !

*Ful.* Que tens, Mezencio ?

*Mez.* . . . . . Caminhar não posso.  
 Que espessa nuvem me pertuba a vista !  
 Que frio susto me traspassa todo !  
 Oh santas leis da natureza, e fangue,  
 Quanto sois fortes ! quantos sois sagradas !

*Ful.* Ah que dizes, Mezencio, tu deliras !

*Mez.* Ah Fulvio, ainda mesmo conhecendo  
 Qual he do traidor Lauso o crime enorme,  
 A pesar do rancor, que lhe confervo,  
 Sinto remorsos, e valor me falta.

Em

Em vão forcejo : quero ; mas não posso  
 Banhar as mãos no fangue de meu filho.  
 O coração deleja , o braço treme.  
 Elle sempre he meu filho. Ah Fulvio.....

*Ful.* . . . . . Tudo  
 Esquecer deves , quando te he preciso  
 Teos interesses defender constante.  
 Só deve no terror fundar seu Throno  
 O Rei , que as iras do seu povo teme ,  
 E terrivel só ter por Sceptro a morte.  
 Piedade , compaixão , amor , brandura ,  
 E outras paixões da humilde humanidade  
 Despedaça feroz , piza , e atropella.  
 Quem , vendo o teu colerico semblante ,  
 Teos féros olhos com rancor vagando ,  
 E na dextra o punhal inda escorrendo  
 De Laufo em rôxo , e fumegante fangue ,  
 Não tremerá de susto ? quem seus olhos  
 Erguerá contra ti ? quem de offender-te  
 Terá valor , pensando o que farias  
 A hum vassallo vil se pertendesse  
 Vingár teu filho , ou imitar seus passos ?

*Mez.* Eu vou . . . porém que vil terror me opprime !

Fu-

Fugi, fugi de mim, falsos temores,  
 Receios vãos, e baixos sentimentos  
 De huma corrupta natureza humilde.  
 Que sou feu Rei, que sou feu pai conheça  
 Devo mata-lo, devo affaffina-lo:  
 Eu a vida lhe dei posso tirar-lha,  
 Despedaça-lo posso entre tormentos,  
 Pois se para feu pai elle he tyranno,  
 Eu mais tyranno devo fer com elle;  
 Que primeiro estou eu do que meu filho.  
*Ful.* Mas elle chega, ausenta-te, Mezencio.

## S C E N A V.

F U L V I O , e L A U S O .

*Lauf.* **V** Em entregar-me o meu Fanôr. Ah  
 Fulvio,

Eu temo que meu pai ardendo em ira,  
 Lhe tire a vida, temo que frustrados  
 Os meos intentos fiquem. Não demores  
 O fazer-me feliz.

*Ful.* . . . . . Segue meos passos:  
 Eu to vou entregar. Mas vê que fazes?

De

De ti depende a minha vida, e honra.  
 Não me fejas ingrato. Este segredo  
 Deve ir connosco até á sepultura.

*Lauf.* Inda que eu veja contra mim voltados  
 Os meos proprios amigos caminhando  
 Com os meos inimigos, e na frente  
 Meu pai as cruéis trópas conduzindo. ....

*Ful.* Pois vem comigo.

*Lauf.* . . . . . O' Deoses compassivos!  
 Não ha vivente mais feliz que Lauso,  
 Ah meu Fanôr! . . . . .

*Ful.* . . . . . Não percas tempo, vamos.

## S C E N A VI.

*FULVIO, LAUSO, e MEZENCIO, que vem com hum  
 punhal contra o filbo.*

*Lauf.* **Q**ue vejo! justos Deoses!

*Mez.* **Q**. . . . . Traidor, morre.

*Lauf.* Ah meu pai! que te fiz! suspende o  
 golpe.

Eu em que te offendi? ah traidor Fulvio!

*Mez.* Acaba ás minhas mãos, ingrato filho:

N

Se

Se querias matar-me , agora . . . . . ( 1 )

*Lauf.* . . . . . Espera.

*Mez.* Espero , fim ; mas he para cravar-te  
 Mais a meu gosto este punhal no peito.  
 Se da prizão fugiste , se quizeste ,  
 Ah traidor ! rebellar o cruel povo  
 Contra teu pai ; se louco pertendeste  
 De Fulvio corromper o fiel peito . . . .

*Lauf.* ( 2 ) Tudo traições . . . meu pai . . .

*Mez.* . . . . . Calla-te , infame ,  
 Ergue-te , monstro , vil traidor , ingrato.  
 Ambição de reinar , ímpio , te mata.  
 Se juraste que havias dos meos braços  
 Vir arrancar a desgraçada Lidia :  
 Se juraste que á minha propria vista  
 Subiriam com ella ao régio Throno ,  
 A verás ao meu lado coroada  
 Reger comigo , e subscrever-te a morte :  
 Depois eu mesmo hei de arrancar-te a vida ,  
 E cravar-te o punhal no cruel peito  
 Com gosto inda maior que o que terias

Se

---

( 1 ) Descarrega o golpe , e Lauf o suspende.  
 ( 2 ) Ajoelha.

Se no meu proprio fangue te banhasses.  
 Eu te juro, cruel, que hei de com Lidia  
 Nas régias mezas esgotar a taça,  
 Que esteja trasbordando com teu fangue.  
 E para teu maior tormento, ainda  
 Por algum tempo a vida te concedo.  
 Não o deixes fugir, e se acaso elle  
 Quizer para salvar-se dar hum passo,  
 Tira-lhe a vida, e se isto não fizeres  
 Por elle sentirás iguaes tormentos.

## S C E N A VII.

F U L V I O, e L A U S O.

*Lauf.* **A**H cruel Fulvio, como te atreveste  
 A entregar hum innocente? Dizc.  
 Como podeste attribuir-me hum crime,  
 Que eu nem por pensamentos intentava?  
 Olha a grande traição, que me fizeste,  
 Verás quanto he tremendo o teu delicto.  
 E serás tão tyranno, que não sintas  
 No cruel coração cruéis remorfos?

*Ful.* De que hei de eu ter remorfos? se executo

As ordens do meu Rei , se obro o que devo  
 De que hei de horrörizar-me ? Pertendias  
 Que eu a meu Rei fosse traidor ? acafo ,  
 Por te agradar , devo engana-lo ? Julgas  
 Que temo a morte ? morrerei contente ,  
 Não co' titulo vil , e desprezivel  
 De máo vassallo , e de infiel Ministro ;  
 Mas com honra , e com gloria ás mãos da-  
 quelles ,  
 Que quizerem vingar teu sangue .

*Lauf.* . . . . . O' Deoses ,  
 Sabeis minha innocencia : não vos peço  
 Que me livreis da morte ; mas sómente  
 Que livreis a meu pai do cruel Fulvio ;  
 Eu vou morrer pois elle o determina .  
 Não crimino meu pai , crimino Fulvio .  
 Porém , ó justos Deoses compassivos ,  
 Se eu antes de morrer tivera o gosto  
 De ver por vós este ímpio castigado  
 Satisfeito morrèra : mas se impune  
 Determinais que viva ; outra vez peço  
 Nestes momentos ultimos de vida  
 Que salveis a meu pai do cruel Fulvio ,  
 De

De hum Confidente pérfido ; inspirai-lhe  
Qual he feu coração . . . . porém que escuto !  
Que tumulto confuso ! que alaridos !

*Ful.* Que he isto , ó Ceos ! acafo o povo irado  
Contra Mezencio tomaria as armas !

*Lanf.* Deoses , valei-me , ah Fulvio ! corre , mostra  
Que és fiel a teu Rei a vez primeira.  
Se acafo algum traidor péga nas armas  
Contra meu pai , defende-o que eu te juro . . .

*Ful.* Ai de mim ! que farei ! em tropel vejo  
O povo concorrer , todos armados ! . . . .  
Que devo resolver ! de ambas as partes  
O mortal raio sobre mim já pende.  
A causa do tumulto esfpreitar devo.  
Eu vou . . . mas para onde ! . . . estou perdido !  
Co' a baixa plebe confundir-me quero  
Para ver se me salvo , e se me escondo.

*Lanf.* Ah Fulvio , não vacilles , corre , Fulvio :  
O pavoroso estrondo se avifinha !  
Corre a salva-lo.

*Ful.* . . . . . Eu vou a defende-lo.

## S C E N A VIII.

*L A U S O só.*

**P**Orém , por que razão não vou eu mesmo  
A ver a causa deste estrondo horrivel !  
Mas se o povo me avista , as armas toma  
Sem que eu possa fustar as suas furias  
Contra meu pai : eu se não vou receio  
Que lhe tirem a vida. Temo Fulvio ,  
E que elle mesmo por salvar-se o mate.  
He já preciso resolver. Eu parto  
A defender meu pai , pois se acontece  
Que por mim seja este alarido , quero  
Em altas vozes publicar que solto  
Pelas mãos de meu pai livre respiro.  
E se isto não bastar a vida , e o Throno  
Gostoso perderei para salva-lo.  
Acompanhai-me , ó Deoses. Mas que vejo !  
O povo ! . . . . e Fulvio ! . . .

SCE-

## SCENA ULTIMA.

*LAUSO , LIDIA , e PRÓCULO accommettendo Fulvio , que vem ferido.*

*Ful.* . . . . . **E** U morro!...

*Próc.* . . . . . Morre , ó monstro.

*Ful.* De ti os Deoses se servirão . . . . morro . . .

Agora com razão recebo o premio

De meos enormes crimes. Justos Deoses ,

Nenhum perverso escapa ás vossas iras ,

Inda quando seguro se imagina.

A pezar das astucias dos tyrannos

Illesa sempre fica a sã virtude. ( 1 )

*Lauf.* Eu onde estou! . . . .

*Lid.* . . . . . Que vejo! he Lauso!

*Lauf.* . . . . . He Lidia!

He Próculo! eu que vejo! Fulvio morto.

Que horror me opprime! ó Deoses , inspi-  
rai-me!

Aon.

---

( 1 ) Morre , e vai cahir onde os Espectadores o não veção.

Aonde está meu pai? he vivo, ou morto?

*Próc.* Teu pai confuso entre os montões de mortos

Nas falas de palacio jaz sem vida.

*Lauf.* Meu pai sem vida! ah Próculo tyranno,

Morre infame traidor.

*Lid.* . . . . . Laufo, suspende

Contra meu pai tão barbaras affrontas.

Escuta de Mezencio a triste historia.

*Lauf.* Qualquer que seja a causa, he meu pai morto:

Devo vingar seu fangue.

*Próc.* . . . . . Espera, Laufo.

Como filho fiel vingar desejas

A morte de teu pai, ainda mesmo

Sendo teu inimigo. Eu tambem devo,

Como pai verdadeiro dar a morte

De minha cara filha aos inimigos.

Teu pai queria entre os leões lança-la

Por ella lhe negar a mão de esposa:

Eu vim salva-la desta injusta morte.

Se com razão morrèra, a não salváta.

Os Chéfes do teu povo me acompanhão;

Eu para defender a minha filha:

Elles para salvar-te dos tormentos,

Que

Que Fulvio , e que teu pai te preparavão :  
 Agora todos , em tropel correndo ,  
 Com as armas na mão , marchão na frente  
 Do povo irado , que , em tumulto immenso ,  
 Para a torre caminha , onde julgava ,  
 Que prezo inda vivias. Todos juntos ,  
 Em altas vozes de alegria , clamão  
 Que viva Lauso eterno sobre o Throno ,  
 E que Fulvio , e Mezencio cruéis morrão.  
 Agora vê , ó Lauso venturoso ,  
 Se com razão a Próculo condemnas.

*Lauf.* Condemno , sim : eu quero dar-te a morte ,  
 Que mereces. . . . .

*Lid.* . . . . . Condemnas a quem soube  
 Dar-te a vida ?

*Lauf.* . . . . . Contente a perderia  
 Com tanto que meu pai a não perdesse.  
 Eu quero castigar-te. Tu sómente  
 Foste a causa da morte de Mezencio.  
 Se tu não foras , humilhado o povo  
 Seu Sceptro soffreria até que os Deoses  
 Lhe tirassem a vida. Eu tambem quero  
 Teu sangue derramar , já que tyranno

O

Tam-

Tambem o derramaste....

*Próc.* . . . . . E assim pagas

A quem te soube dar a vida, e o Throno!  
 Ingrato Lauso, mas honrado filho,  
 Digno de hum melhor pai! Tira-me a vida,  
 Pois fui traidor: mas morrerei contente  
 Por ter posto no Throno hum Rei perfeito;  
 Por ter achado em Lauso hum homem justo;  
 E porque fiz morrer hum Rei tyranno,  
 Inimigo dos homens, e dos Deoses,  
 Hum cruel monstro, escandalo do Mundo.

*Lauf.* Ainda, vil, te atreves a insulta-lo

A' minha vista? morre... mas que faço!  
 Serei tyranno, se te der a morte,  
 Serei injusto, se te não castigo.  
 Vai viver longe do meu Reino, foge:  
 Teu Reino todo liberal te entrego.  
 Nunca mais ao teu povo nos meos pórtos  
 Entrada se lhe dè; nunca mais possa  
 O teu povo pizar as minhas terras.  
 Sejam os meos aos teos sempre contrarios,  
 Hum eterno rancôr sempre os sepáre,  
 De éras em éras, e de pais a filhos

Cada vez mais crescendo o mortal odio.  
Vai, barbaro, viver longe de Lauso,  
Não appareças mais ante os meos olhos  
De meu amado pai, ímpio assassino.  
O' Ceos, porque me déstes vida, e Throno,  
Se havia fer á custa do seu fangue?  
Mas eu temo que o Povo, não me vendo,  
Nóvos males emprenda; he necessario  
Ir evita-los, vou apparecer-lhe.

F I M.

*Discite Justitiam metiti, & non temere Divos;*

En. de Virg. l. 6. v. 620.

